

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

João Paulo Monteiro Santos

Juliana do Prado Silva

REVISTA H2

BAURU

2012

João Paulo Monteiro Santos

Juliana do Prado Silva

REVISTA H2

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado à Faculdade de Arquitetura,
Artes e Comunicação do campus da
UNESP em Bauru como requisito parcial à
obtenção da graduação no curso de
Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

BAURU

2012

João Paulo Monteiro Santos

Juliana do Prado Silva

REVISTA H2

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho

Prof. Dr. Mauro Souza Ventura

Profª. Ms. Lilian Juliana Martins

Dedicamos este trabalho às nossas famílias, que sempre nos apoiaram, incentivaram e nos fizeram acreditar em nossos sonhos, e sem as quais jamais chegaríamos até aqui; aos nossos amigos e namorados, por todos os momentos de companheirismo e paciência, com quem compartilhamos os momentos bons e ruins; e a todos os apreciadores e articuladores do movimento Hip Hop, que trabalham, de forma direta ou indireta, para que este movimento permaneça vivo e em constante evolução.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos mestres, pela sabedoria e paciência ao longo dos anos de graduação; ao professor Cláudio Bertolli, pela disponibilidade e atenção na elaboração de cada decisão deste projeto; e a todos os entrevistados e colaboradores, que nos cederam suas fotos, textos e experiência, e tornaram possível a realização deste projeto.

*"Importante não é ver o que ninguém nunca viu,
mas sim, pensar o que ninguém nunca pensou
sobre algo que todo mundo vê"*

Shopenhauer

SANTOS, J.P.M. e SILVA, J.P. **REVISTA H2: revista especializada no Hip Hop bauruense**. 2012. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho, Bauru, 2012

RESUMO

O objetivo deste projeto é fomentar e promover os temas ligados ao movimento Hip Hop por meio de um produto, a Revista H2. A partir de diversas formas de jornalismo, como fotos, reportagens e entrevistas, pretendemos demonstrar a utilização do movimento Hip Hop como ferramenta reivindicatória de jovens que vivem na periferia. Buscamos, ainda, mostrar visões distintas e desenvolver os assuntos de forma ampla e completa. H2 é um espaço aberto para reflexões sobre um movimento cultural bastante presente na cidade de Bauru, assim como sua importância no desenvolvimento social e cultural dos cidadãos.

Palavras-chave: Jornalismo especializado, Hip Hop, revista, mídia, comunicação

ABSTRACT

The objective of this project is to foment and promote the themes related to the Hip Hop movement through a product, the H2 Magazine. Based on several forms of journalism, like photos, reports and interviews, we intend to demonstrate the use of Hip Hop as a vindicatory tool for young people living in the outskirts of towns. Moreover, we seek showing distinct visions and develop the issues in a broad and comprehensive way. H2 is an open space for reflections about Hip Hop, a cultural movement present in Bauru, as well as your importance in the social and cultural development of the citizens.

Keywords: Specialized journalism, Hip Hop, magazine, media, communication

SUMÁRIO

1 Apresentação	09
1.1 A escolha do produto	09
1.2 A ideia.....	09
1.3 O ideal.....	10
1.4 Importância	12
1.5 Informações gerais.....	14
2 Fundamentação Teórica.....	15
2.1 O Hip Hop.....	15
2.1.1 Questão social, lazer, cidadania e denúncia.....	16
2.1.2 História.....	18
2.1.2.1 O Hip Hop no Brasil.....	21
2.1.2.2 O Hip Hop em Bauru.....	25
2.2 Revista e linguagem.....	29
2.3 Reportagens	37
2.4 Entrevistas.....	39
2.5 Seções	49
3 Desenvolvimento	43
4 Projeto gráfico	55
5 Considerações.....	63
6 Referências	65

1 APRESENTAÇÃO

1.1 A ESCOLHA DO PRODUTO

Reunir o aprendizado de quatro longos (e breves) anos em apenas um trabalho nos pareceu, a princípio, uma tarefa impossível. Como reunir, em um só tema, e com um só produto, todo o aprendizado que estávamos sedentos para colocar em prática? Desde o início, sabíamos que seria um produto – e é a única coisa que sabíamos. Produto, pois nos deixou animados a possibilidade de criar e ver nascer algo “palpável”, que saísse de nossas mãos.

O gosto pela cultura nos uniu. Seria gratificante reunir, em nosso trabalho, o prazer da realização de um projeto e a importância social do tema que escolhêssemos. E foi este o nosso primeiro desafio. Permeamos alguns caminhos, mudamos de ideia algumas vezes. E foi então que o Hip Hop surgiu, como uma síntese daquilo que gostaríamos de passar: como a cultura chega às classes menos abastadas, e como se dá sua influência sobre ela. Ao contrário do que pensam muitos leigos no assunto, o Hip Hop não é um gênero musical, apesar de ter fortes vínculos com a música. Ele representa as manifestações culturais que englobam diferentes formas de arte: não só a música, como também a dança, as artes visuais e o DJ, e é aí que encontramos a versatilidade que procurávamos em um tema.

Definido o assunto, imaginamos, a princípio, que poderia ser interessante fazer um suplemento, para que nosso trabalho fosse veiculado para um número grande de pessoas, nos maiores jornais da cidade de Bauru e, quem sabe, até da região. No entanto, nos deparamos com uma linguagem mais restrita, pouco espaço para muitas idéias a serem colocadas no papel. Partimos, então, para o formato Revista. Este sim, o nosso preferido, nos daria liberdade para arriscar na escrita e na delícia de criar um projeto gráfico, pensando em cada cor, e em cada espaço deixado em branco. Neste veículo, poderíamos, ainda, contar com opinião e colaboração de amigos de fora do projeto. E assim nasceu a Revista H2, do Hip e do Hop, trazendo esse universo para muito mais perto de nós, e de você.

1.2 A IDEIA

H2 é uma revista composta por matérias, entrevistas, reportagens, colunas que abordam as diversas facetas que se encontram dentro do universo Hip Hop. O critério de

seleção das pautas foi feito pensando, primeiramente, na diversidade de assuntos de interesse do leitor. Em seguida, nos preocupamos em selecionar pautas que abordassem o Hip Hop em suas quatro formas: estão presentes na revista o grafite, o rap, o breaking e o DJ.

Partindo de uma investigação a campo, buscamos entender como o movimento acontece, quais são seus desdobramentos, suas “causas e consequências”. Nos envolvemos com o tema, com as pessoas, com um mundo novo que nos era apresentado. Assistimos a shows, oficinas, palestras, participamos de um fórum de discussão, e conversamos com aqueles que atuam, direta ou indiretamente, para que o movimento aconteça na cidade de Bauru. Ouvimos muitos dizerem que “vivem” o Hip Hop, que se trata de um “estilo de vida”. Além disso, buscamos coberturas do tema já realizadas na mídia local e a opinião de jornalistas da cidade sobre a abordagem que é feita nesses veículos.

Os conhecimentos de realidade e público-alvo foram imprescindíveis para que pudéssemos definir as pautas, escolher o encaminhamento e delimitar um produto bem estruturado em seu conteúdo gráfico e editorial. A pesquisa foi importante para detectarmos nossos pontos fortes e pontos fracos, angulações e características. Percebemos que há uma carência com relação a publicações relacionadas ao assunto e acreditamos que, com este trabalho, poderíamos ajudar a suprir esta lacuna.

1.3 O IDEAL

Criado no início da década de 70 na cidade de Nova Iorque, o Hip Hop, cultura que engloba o rap, o DJ, o breaking e o grafite, hoje transcende suas origens e influencia a moda, o jeito de falar e o estilo de vida de muitas pessoas. Muito presentes em Bauru, essas manifestações artísticas, sociais e culturais não têm espaço no cotidiano das pessoas que não moram nos subúrbios, nem são pautadas pelos meios de comunicação locais mais tradicionais. O assunto é abordado apenas em casos pontuais, como, por exemplo, nas coberturas ou divulgação de eventos, como a “Semana Municipal de Hip-Hop”, a “Virada Cultural Paulista”, a “Virada da Periferia”, shows, o “Movimento Hip Hop - A origem” ou o “Vozes da Periferia”. No caso destes eventos, o movimento sai de seu ambiente de origem em direção às cidades. O dia a dia e as dificuldades enfrentadas pelos artistas do Hip Hop, como a falta de apoio, de incentivo e de políticas públicas, não são temas presentes na mídia. Sua importância para a sociedade como expressões que buscam por melhoras, disso não ouvimos falar.

A carência de discussão sobre o assunto, e principalmente de uma publicação destinada às pessoas atuantes no movimento, nos fez idealizar um produto que seja ao mesmo tempo informação, curiosidade, lazer e cultura. Pretendemos, entre outros fatores, suprir parte da carência de divulgação de movimentos culturais de grupos sociais marginalizados.

Temos por objetivo promover o aprofundamento dos temas que estão ligados ao movimento Hip Hop por meio de diversas formas de jornalismo, como fotos, reportagens e entrevistas. Com diferentes seções, abordagens e encaminhamentos, buscamos mostrar visões distintas e desenvolver os assuntos da forma mais ampla e clara quanto possível. Sendo assim, H2 é um espaço aberto para reflexões sobre um movimento cultural bastante presente na cidade de Bauru. Nosso intuito é observar sua importância, também como educar o leitor sobre aquilo de que ele próprio faz parte.

Nossa ambição é apresentar não apenas um trabalho de conclusão de curso, mas uma revista com potencial para ser impressa e distribuída. Buscamos unir qualidade de escrita, imagem e design em uma publicação inteligente e moderna, que aborde temas atuais, imagens atrativas e, principalmente, uma leitura prazerosa.

A Revista H2, por meio de seu conteúdo jornalístico, também procurou alcançar objetivos de ordem prática, metas a serem cumpridas em cada nova edição, entre elas:

- desenvolver um compromisso social com a periferia e seus moradores;
- elaborar reportagens em que o estilo literário e o informativo coexistem;
- valorizar a cultura e os hábitos locais;
- apresentar um texto que demonstre clareza e que tenha a linguagem condizente com o público leitor;
- apresentar textos leves e de fácil compreensão;
- realizar entrevistas com fontes que acrescentem informações pouco difundidas pela grande mídia;
- contribuir para a formação de cidadãos mais críticos;
- demonstrar, por meio de reportagens, a importância das manifestações artísticas para o desenvolvimento sociocultural da população de Bauru;

- expor como foi a chegada do Hip Hop ao Brasil, uma cultura que não é uma cultura tipicamente brasileira e se consolidou por aqui;

1.4 IMPORTÂNCIA

Em nossa revista, apostamos na possibilidade de proporcionar ao leitor uma maior conexão com manifestações culturais ainda pouco difundidas nos grandes veículos de comunicação. Acreditamos no dever, como jornalistas, de dar espaço a grupos sociais minoritários. Para tal, colocamos em prática o projeto de uma revista que levará ao leitor um amplo leque de informações, onde serão abordados desde fatos históricos sobre movimento Hip Hop, até dicas de como utilizar as Redes Sociais na divulgação de seu trabalho independente. Coexistirão fatos históricos, fundamentações teóricas, fotos, depoimentos e texto. Procuramos reportar cada alicerce do movimento – rap, DJ, breaking e grafite, além de falar sobre um fator importante que é sua influência sobre a formação e educação de crianças e jovens.

O Hip Hop surge nos subúrbios, locais onde a população enfrenta uma série de dificuldades de ordem social, como pobreza, violência e racismo; falta de infra-estrutura e educação, tráfico de drogas, entre outros problemas. E foi nesse contexto que nasceram as manifestações artísticas de rua, formas próprias de se fazer música, dança, poesia e pintura.

Para Heloísa Buarque de Holanda,

[...] o que une e define o Hip Hop no Brasil é a criação de um conjunto de ações mediadas pela cultura, buscando a transformação de suas comunidades. Essa atitude (como é chamada) é agora experimentada simultaneamente como arte e ativismo. (HOLLANDA, 2012)¹

Segundo Souza,

[...] o movimento hip hop, além música executa trabalhos sociais numa tentativa de ‘costurar’ as arestas deixadas pelo Estado. Dessa forma, muitos desses jovens, por ocuparem uma posição desprivilegiada na hierarquia, abraçam os ideais e as atividades do movimento como uma forma de exercer a cidadania e buscar melhores perspectivas de vida” (SOUZA, 2004, p.70).

¹ Heloísa Buarque de Holanda é coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, diretora da Aeroplano Editora e do Instituto Projetos e pesquisa. Conteúdo extraído do endereço <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br> no dia 28 de agosto de 2012.

O tema abordado se mostra relevante para o desenvolvimento de cidadãos mais críticos e ativos na questão cultural de sua cidade. A adolescência, por exemplo, com frequência é o momento em que o jovem se “encontra” com o Hip Hop – momento este caracterizado por uma série de transformações, tanto físicas, quanto psíquicas na vida dessas pessoas. Na fase de conflito, muitos são apresentados às drogas, prostituição, e outros fatores. Essas pessoas buscam um “norte”, algo para se dedicarem. É neste momento que entra a importância das artes e dos movimentos sociais. Para nós ficou evidente, através de entrevistas, depoimentos e pesquisas, que o Hip Hop busca e realiza o desenvolvimento desses cidadãos com base em valores éticos e morais, como o respeito, a solidariedade e a justiça.

Para que a luta travada pelo movimento Hip Hop, seja ela de classes, contra o preconceito, por melhorias na cidade, ou até questões políticas, continue existindo, reforçando seu caráter contestatário, de valorização das classes minoritárias, dos negros e da periferia, o conhecimento e a aprendizagem sobre o tema, dentro dos próprios personagens do movimento, se fazem fundamentais. Tanto por seu valor histórico, quanto por seu valor como movimento social.

De acordo com Heloísa,

[...] o hip hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte-americana, composta tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (b-boys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportiva como o basquete de rua e, o que me parece mais interessante, o conhecimento. ((HOLLANDA, 2012)²

Em seu texto, a autora explica que o investimento nas formas de aquisição e produção de conhecimento é bastante significativo em comunidades brasileiras, cada vez mais amplas e diversificadas, e isso inclui um real aumento nas taxas de ingresso desses artistas em educação formal de ensino médio e superior. A revista H2 é, além de um veículo de entretenimento, mais uma forma de informar aqueles que estão inseridos nesta realidade. Entendemos que, mais do que citar as dificuldades da periferia e as mudanças de que o mundo necessita, os atuentes do Hip Hop têm a necessidade de compreender os problemas sociais que os assolam, pois um protesto vazio de conhecimento não faria sentido. Além de

² Heloísa Buarque de Hollanda é coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, diretora da Aeroplano Editora e do Instituto Projetos e pesquisa. Conteúdo extraído do endereço <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br> no dia 28 de agosto de 2012.

reivindicar seus direitos, o Hip Hop busca humanizar, conscientizar, educar e, é claro, divertir os moradores da periferia.

Outro intuito de nosso estudo é aproximar o olhar acadêmico para questões ainda insuficientemente estudadas pela universidade. Enquanto expressão da cultura das classes subalternas, pudemos perceber que o tema quase não é explorado em pesquisas. Encontramos poucos trabalhos relacionados à presente discussão e percebemos que há uma lacuna quando se trata do estudo da cultura para os guetos, como se dá, suas influências.

Sendo assim, acreditamos que a Revista H2 pode ser um instrumento de atração do olhar dos pesquisadores para um tema bastante expressivo e presente na cidade de Bauru: a produção cultural do Hip Hop. Pretendemos estimular este debate, assim como colocar em pauta questões ainda pouco discutidas, como por exemplo as mídias alternativas e mídias radicais; questionar, ainda, qual é a influência da cultura na vida de cidadãos que crescem em meio à criminalidade, às drogas e à falta de infraestrutura básica.

1.5. INFORMAÇÕES GERAIS

A Revista H2 é destinada a quaisquer pessoas interessadas pelo movimento Hip Hop. Embora não se limite a um público específico, o consumidor em potencial são homens e mulheres com idade entre 15 e 35 anos, de classes C, D e E.

Trata-se de, em sua maioria, um público engajado, esperançoso e determinado a promover mudanças no meio em que vive. São jovens que acreditam no potencial da cultura Hip Hop e seu poder de mudar vidas. Dentro deste público, são exemplos pessoas atuantes no movimento, como rappers, DJs, b-boys e grafiteiros.

Quanto a periodicidade, optamos por uma publicação bimestral. Acreditamos que dois meses seja um intervalo interessante para que possamos diversificar os temas e selecionar conteúdos relevantes ao leitor. A periodicidade bimestral também se mostra conveniente por conferir tempo suficiente para que seja produzida uma revista mais analítica, considerando todos os processos jornalísticos, tais como definição de pautas, discussão de fontes, contato, agendamento, realização de entrevistas, produção das matérias e de fotos, diagramação e correção.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O HIP HOP

De origem Jamaicana, mas estabilizado e fortalecido nos Estados Unidos, o rap - uma abreviação para rhythm and poetry (ritmo e poesia) - é um gênero musical nascido entre negros e caracterizado pelo ritmo acelerado e pela melodia bastante singular. Letras que tratam, em geral de, questões cotidianas da comunidade negra, servindo-se muitas vezes das gírias correntes nos guetos das grandes cidades. Nos Estados Unidos, uniu-se aos break e ao grafite, estabelecendo, deste modo, os quatro elementos, ou seja, o Hip Hop. Chegou ao Brasil na década de 80, mas somente na década seguinte ganhou espaço na indústria fonográfica.

Definir o que é Hip Hop é algo difícil, principalmente pelas inúmeras interpretações e pontos de vista. No Brasil atualmente o Hip Hop vem se firmando como um produto midiático, por isso, para alguns, é um estilo de música com letras radicais e cheias de protestos e reivindicações. Outros já acham que o Hip Hop é uma moda criada pela indústria fonográfica. Outros veem Hip Hop como uma filosofia de vida. Existem ainda aqueles que enxergam o movimento como um bando de jovens marginais. Outra interpretação possível é que Hip Hop seja uma expressão cultural, que oferece informação e alternativas conscientes de comportamento e ação, principalmente entre os jovens de periferia.

Para o historiador Célio Losnak,

[...] O Hip Hop é um movimento que não se restringe à música, embora ele tenha música como talvez a principal vertente, a principal expressão. Mas, ele reúne a dança, o chamado break, o grafite, o desenho. Todos articulados, há uma experiência que a gente poderia dizer urbana, do que alguns chamam de cultura urbana. (LOSNAK, 2012, informação verbal) ³.

Ou seja,

[...] geralmente confundido com rap, na realidade representa algo mais amplo do que um mero gênero musical. Trata-se de uma subcultura, um vértice da cultura afro-americana, surgida nas camadas pobres da sociedade dita 'pós-industrial' (YOSHINAGA, 2001, pg. 6).

³ Depoimento obtido durante entrevista com o historiador Célio Losnak, no dia 30 de julho de 2012, na TVU – Televisão Universitária UNESP, em Bauru.

2.1.1 QUESTÃO SOCIAL, LAZER, CIDADANIA E DENÚNCIA

O Hip Hop tem participação social efetiva dentro das grandes periferias brasileiras e do mundo, influenciando gerações de jovens e adultos. Em comunidades aonde as políticas públicas não chegam com qualidade, o povo carece de educação. O Hip Hop chega, portanto, para preencher esta lacuna. Devido ao seu poder de mobilização, preocupa-se em passar mensagens por meio da música e ocupar o tempo com os outros elementos, no caso break e grafite, evitando que jovens fiquem nas ruas expostos a drogas e violência, por exemplo. Além de direcionar, o Hip Hop também resgata e salva vidas, mostrando que o crime não compensa, pregando uma vida pura e digna.

Além disso, nota-se claramente o viés político do movimento, ou seja, o protesto. Seja nas letras do rap, nas batidas do DJ, nos desenhos do grafite, nos giros do bboy ou até mesmo nas roupas que os adeptos do movimento usam, são notadas denúncias e protestos. Protestos estes, porém, sobre questões do dia a dia das periferias, ou seja, além de denunciar, o Hip Hop é um meio de informação e comunicação, visto que pobreza, exclusão social, criminalidade, violência policial, violência urbana, enfim, todas as tragédias e mazelas das grandes cidades são temas recorrentes no movimento Hip Hop, problemas estes, presentes na vida dos moradores da periferia. Ou seja, o movimento visa uma auto expressão, criar formas de comunicação e, desse modo, passar uma mensagem e não qualquer mensagem, mas algo que aborde questões sociais, no intuito de educar e buscar transformar.

O Hip Hop assume características também somente de música e dança, ou seja, entretenimento, sem compromissos com protestos:

Temos dentro do Hip Hop o rap que tem um viés mercadológico, tanto o americano como o brasileiro, pessoas famosas que ganham muito dinheiro com os discos, shows, que aparecem na mídia, tem um viés de rap meio romântico, mais vendável, mais dançável, mais lúdico (LOSNAK, 2012, informação verbal) ⁴.

Porém, mesmo este Hip Hop cumpre sua função social que é manter o jovem longe das ruas.

⁴ Depoimento obtido durante entrevista com o historiador Célio Losnak, no dia 30 de julho de 2012, na TVU – Televisão Universitária UNESP, em Bauru.

Literalmente, a expressão gíria “Hip-Hop” exprime um incentivo à dança e à diversão, algo como ‘agitar os quadris. Porém, sua significação ultrapassa essa limitação literal, sugerindo o desvencilhamento, por alguns momentos, da complexidade da realidade social, e a criação e conquista de uma nova realidade – objetivo que só poderá ser realizado com a conscientização e a mobilização dos indivíduos envolvidos. Essa subcultura surge como uma forma de resistência através da arte, passando a interferir na realidade política da periferia, e tendo como compromisso maior sua comunidade local. Trata-se de um conjunto de princípios ideológicos, cujo valor maior a ser alcançado é a paz. Em suma, HIP-HOP é uma proposta alternativa de vida, fruto de processos (e conflitos) étnicos, políticos, econômicos, sociais e culturais. É um grito africano abafado durante séculos e liberto na América com as facilidades da tecnologia dos aparelhos de som, contando também com contribuições de outros povos historicamente explorados e discriminados. (YOSHINAGA, 2001, pg. 6-7).

No Brasil, o movimento Hip Hop foi adotado, sobretudo, pelos jovens negros e pobres de cidades grandes, como São Paulo e Rio de Janeiro, como forma de discussão e protesto contra o preconceito racial, a miséria, exclusão, entre outros temas. Como movimento cultural, o movimento tem servido como ferramenta de integração social de jovens das periferias no sentido de romper com essa realidade, integrar as comunidades e promover a cidadania.

Como chegava dos Estados Unidos muita pouca informação, a gente começou a colocar umas coisas da cultura brasileira também. O break tem muita coisa da capoeira e o suíngado do samba, e é bem legal isso. Os raps que são feitos no Brasil eles falam muito da questão social, ele vêm para fazer a denúncia das mazelas sociais e de tudo o que acontece na periferia. A gente costuma dizer que o rapper ele é um repórter da periferia, ele vai e retrata através das palavras e da sua música, tudo aquilo que ele vê. Muitas vezes o rap é tachado como violento, mas é o que a gente diz, se eu vejo flores, eu falo de flores, mas, se eu só vejo tragédias, só vejo desgraça, só vejo a polícia agredindo criança, a gente vê um lugar que não tenha saneamento básico, vai falar do que? Por isso que muitas vezes o rap é discriminado, por falar de uma forma muito pesada as coisas, mas é isso o que a gente vive lá. Então a denúncia tem que ser feita desta forma (MOREIRA, 2012, informação verbal)⁵.

Fica claro, portanto, que, além de educar, informar e entreter, o Hip Hop é uma forma da periferia se inserir na sociedade:

⁵ Depoimento de Renato Moreira, o Magu, em entrevista com o jornalista Willian Poliveri, no dia 29 de agosto de 2012, para o programa Artefato, da TVU – Televisão Universitária UNESP, de Bauru.

O movimento Hip Hop mostrou ser um novo sujeito político na esfera pública do cotidiano da periferia, um instrumento político de uma juventude excluída, transformando esses jovens de excluídos sociais, proscritos e marginalizados em protagonistas da cena urbana onde emergem como atores de relevância social. Eles encontram voz no Movimento, através do qual podem expressar a dor e a angústia que os percorre e, ao mesmo tempo, podem manifestar a vontade de mudar sua situação para melhor (LOURENÇO, 2002).

2.1.2 HISTÓRIA

No início dos anos 50 na Jamaica já eram comuns as “block parties”, festas no meio da rua, animadas pelas disco-mobiles. Este sistema de som consistia em um palco improvisado, com enormes e potentes caixas de som, equalização com graves pesados e muitos efeitos sonoros. Essa aparelhagem era responsável pelo principal meio de lazer e socialização nas periferias de Kingston, que passava por uma situação de violência e miséria. Enquanto isso, os “toaster”, considerados os primeiros MCs, mestre de cerimônia, foram surgindo e, utilizando-se das disco-mobiles, passaram a assumir o microfone e discursar no ritmo da música, passando conhecimento além de um discurso de crítica e denúncia. Mais que um estilo musical, uma manifestação cultural com um forte aspecto político, que introduzia assuntos relativos aos modos de vida dos mais pobres, como “a violência nas favelas de Kingston e a situação política da Jamaica. As discussões passavam ainda por temas como sexo, drogas e discriminação social e racial” (SILVA, 2001, pg. 75). Já no final da década de 60, muitos jovens jamaicanos foram obrigados a deixar o país devido à crise econômica e social que assolava a ilha. Entre eles, estava Clive Campbell, o DJ Kool Herc.

Em Nova Iorque, Kool Herc introduziu a tradição das festas de rua e, como nos anos 60 muito se debateu acerca dos direitos humanos, principalmente nos Estados Unidos, o rap e o Hip Hop se desenvolveram como uma forma de protesto, uma maneira dos menos favorecidos lutarem por igualdade. O break surgiu nas ruas do Bronx, Estados Unidos, em meados da década de 70, com o fim da Guerra do Vietnã. O protesto por meio da dança estava contido em alguns dos movimentos que tinham nomes de soldados, em sua maioria de origem negra ou latino, que voltavam debilitados do combate e sem qualquer assistência do governo.

Já o grafite tem sua origem incerta, mas acredita-se que teria surgido, da maneira como conhecemos hoje, por volta de 1968, na França. O início se deu através das

manifestações políticas estudantis, junto ao movimento da contracultura, quando os muros de Paris foram utilizados para estampa de inscrições poéticas. Daí pra frente, a prática se concretizou nos Estados Unidos junto com os outros elementos da cultura Hip Hop. A princípio, era utilizada não só como forma de expressão, mas também como “demarcação de território”. As pinturas representavam a luta entre gangues, que usavam a técnica como disputa: era preciso pintar mais alto e melhor do que os “oponentes”. Os artistas de rua costumavam escrever seus próprios “nomes” (em geral, apelidos) e chamavam a atenção para problemas do governo ou questões sociais.

O grafite é para os mestiços da fronteira, para as tribos urbanas da Cidade do México, para grupos equivalentes de Buenos Aires ou Caracas, uma escritura territorial da cidade, destinada a afirmar a presença e até a posse de um bairro. As lutas pelo controle do espaço se estabelecem através de marcas próprias e modificações dos grafites de outros. Suas referências sexuais, políticas ou estéticas são maneiras de enunciar o modo de vida e de pensamento de um grupo que não dispõe de circuitos comerciais, políticos ou dos mass media para expressar-se, mas que através do grafite afirma seu estilo. Seu traço manual, espontâneo, opõe-se estruturalmente às legendas políticas ou publicitárias ‘bem’ pintadas ou impressas e desafia essas linguagens institucionalizadas quando as altera. O grafite afirma o território, mas desestrutura as coleções de bens materiais e simbólicos (CANCLINI, 1997, 336-337).

As festas nas ruas reuniam, portanto, marginalizados da época, que se mostravam organizados e articulados, tendo nos nomes de Martin Luther King e Malcolm X, inspirações. Nestas festas, foi-se misturando o funk, o soul e diversos ritmos diferentes. A partir desta variedade musical, começaram a despontar MCs e rappers que “construíam discursos raivosos, indignados e cheios de referências a conflitos sociais e raciais. Eram vozes herdeiras da radicalidade dos Panteras Negras” (SILVA, 2001, pg.75). Em 1968 foi cunhado o termo Hip Hop, por Kevin Donovan, o Afrika Bambaataa. “Hip”, em inglês significa quadril e “Hop”, pular, ou seja, a gíria exprime algo como balançar os quadris, um incentivo à dança e a diversão.

Para entender o motivo do movimento Hip Hop ter nascido como uma forma de expressão e de protesto, basta se inteirar da história do Bronx naquela época. O bairro passou por muitas mudanças durante os anos 60, devido a construções urbanas mal planejadas, como uma via expressa passando pelo meio do bairro, o que desvalorizou e muito a região. Desse modo, italianos, alemães, irlandeses e judeus que ali moravam e compunham a classe média,

se mudara, buscando melhor qualidade de vida em outros lugares. No lugar deles, estabeleceram-se afro-americanos mais pobres e famílias hispânicas. Com a pobreza, aumentaram os problemas, como crimes, violência, drogas e desemprego. Gangues como a “Savage Seven” começaram a aterrorizar o bairro, era a época das gangues de ruas. Em pouco tempo, surgiram várias. Em um dado momento, as atividades destas gangues começaram a declinar, e o motivo era simples: as gangues brigavam entre si, e muitos integrantes não queriam mais esta violência, nem o envolvimento com o crime, drogas, etc. e sim estavam buscando diversão, como as festas de clubes. O número de membros e com isso o de gangues foi caindo devido ao envolvimento dos ex-membros com atividades criativas, como a música e danã, e não com a violência. Estes negros e hispânicos buscavam, portanto, nos quatro elementos do Hip Hop uma forma de fugir do anonimato, ser ouvido e visto, espalhar seu nome por toda a parte. Para se aperfeiçoar em um destes elementos, era vital deixar de lado as atividades anteriores, como drogas e o crime, já que teria que deslocar sua energia e disposição para a cultura. Estas pessoas que optaram pela alternativa, o Hip Hop, acabaram servindo de inspiração e, a partir daí, o movimento somente cresceu.

Aconteciam muitas brigas de gangues, de bairros contra bairros, quarteirões contra quarteirões e, eles começaram a resolver estas brigas através do breaking. Até muito recentemente, ainda aconteciam algumas disputas, como a Costa Oeste contra a Costa Leste e ficou bem famoso o episódio do Notorious Big com o Tupac. Mas, neste começo, foram mais as questões locais, bairristas, que eram muitas vezes resolvidas através da roda de break. Então, o Hip Hop teve uma importância muito grande resolvendo este tipo de problema da violência. Desde o começo já usavam o Hip Hop como um instrumento de não violência, e é assim que se construiu o movimento (MOREIRA, 2012, informação verbal) ⁶.

Nos Estados Unidos, os anos 80 marcaram o desenvolvimento e a expansão do rap, com o surgimento de grupos por todo o país.

O lançamento de “Rapper’s Delight”, da banda Sugar Hill Gang, apesar de não refletir com exatidão o RAP como manifestação de rua, underground, pela primeira vez projetou o gênero e a palavra “HIP-HOP” para além de Nova Iorque e do país. A viabilidade comercial do novo gênero começou a se consolidar três semanas depois do lançamento de “Rapper’s Delight”, com o lançamento de Christmas Rappin’, de Kurtis Blow. Dali a três meses, Joe Bataan lançaria Rap-O-Clap-O, e em pouco tempo o RAP norte-americano teria novos êxitos, como The Breaks, também de

⁶ Depoimento de Renato Moreira, o Magu, em entrevista com o jornalista Willian Poliveri, no dia 29 de agosto de 2012, para o programa Artefato, da TVU – Televisão Universitária UNESP, de Bauru.

Kurtis Blow, Love Rap, de Spoonie Gee, Feel the Heartbeat, de Treacherous 3 e Funk You Up, das Sequence – primeiro grupo de RAP exclusivamente feminino da história (YOSHINAGA, 2001, pg.37).

E, em 1982, Grandmaster Flash & The Furious Five lançam o álbum *White Lines (Don't Don't Do It)* (Sugarhill), que traz a clássica “The Message”, uma mensagem inovadora, de amargura e desespero em relação à vida nos guetos. No final da década de 80, com o lançamento de *It Takes a Nation of Millions To Hold Us Back*, o Public Enemy revolucionou a cena do rap, causando um boom do gênero e influenciando gerações de rappers em todo o mundo.

2.1.2.1 O HIP HOP NO BRASIL

O rap e o Hip Hop chegaram ao Brasil no início da década de 80, porém é muito difícil localizar uma data ou um local precisos. Sabe-se que, no início, o rap ficou conhecido como “tagarela”, pois se tratava apenas de um funk diferente, meio “falado”. Nos bailes de música negra, todos comentavam que o cantor parecia um verdadeiro tagarela.

Alguns dizem que o Hip Hop chegou pelas músicas nas rádios, outros pelos vídeos de Michael Jackson. Se a chegada é incerta, a primeira produção brasileira também gera discussões. “Deixa isso pra lá” de Jair Rodrigues é apontado como o primeiro rap brasileiro, porém, gravada em 1964, alguns se perguntam, como Jair Rodrigues poderia ter feito o primeiro rap quinze anos antes de o gênero existir? Deste modo, oficialmente, “Melô do Tagarela” (Miéle) e “Mão Branca” (Gérson King Combo) podem ser consideradas as primeiras gravações brasileiras de rap, datadas do início da década de 80, época em que o Hip Hop ainda era um termo desconhecido para a mídia, inclusive para Miéle e King Combo, e até mesmo para a maioria dos jovens de periferia.

Segundo Yoshinaga,

O compacto *Melô do Tagarela* (RCA, 1980) é considerado o primeiro registro de RAP produzido no Brasil, apesar de não corresponder diretamente ao contexto do HIP-HOP como “cultura de rua”. A canção não foi gravada por um MC, mas sim pelo apresentador de televisão Miéle, e tratava-se de uma paródia da própria “*Rapper's Delight*”, da banda Sugar Hill Gang - canção considerada o primeiro registro de RAP em todo o mundo. Apesar da proposta satírico-humorística, a letra

de “Melô do Tagarela” gravada por Miéle criticava fatos políticos e sociais da época, em versos como:

É, sim, de morrer de rir
 Quando a gente leva a sério o que se passa por aqui
 (...) No supermercado, a oferta da semana
 Tudo a preço de banana, o anúncio é um colosso
 Vou comprar alguma coisa, tô vidrado no almoço
 Meu cruzeiro, espero a carne
 Pago um quilo, levo um osso
 Levo um carro de dinheiro e trago as compras no meu bolso
 E sobe outro edifício, tome apartamento
 Falta grana e sobra gente, sobra lixo e falta vento
 Ai, ai, não consigo respirar,
 Meu pulmão virou um tanque de óleo diesel, em vez de ar
 (...) Lar, doce lar, mas quem mora no subúrbio
 Perto do bar, toda noite tem distúrbio
 Já tá todo mundo alto, se arranca que é um assalto
 “Mas levaram a minha grana e sou eu quem vou em cana?”
 (...) Lar, doce lar, tão pequeno nunca vi
 Para o Sol entrar em casa, um dos dois tem que sair
 É moderna a construção, e o tijolo é tão fininho
 Que eu ouço quando sobe o aluguel do meu vizinho
 É, sim, de morrer de rir (...) (YOSHINAGA, 2001, pg. 45-46)

E, sobre “Mão Branca”, Yoshinaga escreve:

Outro importante registro é “Mão Branca” (Polygram), do respeitado Gérson King Combo, um dos poucos nomes da produção nacional de funk. Autor de dezoito registros fonográficos, entre compactos (simples e duplos) e LPs, King Combo destaca-se por pérolas como “Jingle Black”, “Mandamentos Black” e “O Rei Morreu”. Nos anos 90, teria um de seus trabalhos sampleados por Afrika Bambaataa, que o nomeou “o James Brown brasileiro”. Em 1980, porém, King Combo já versara sobre o que conheceríamos mais tarde pelo nome de ‘chacinas’, na letra de “Mão Branca”, outra gravação que pode ser considerada pioneira no RAP brasileiro:

Esses bandidos soltos, cruéis e vagabundos
 Que andam perturbando por aí
 Daqui pra frente, é bom tomar muito cuidado
 Que agora o Mão Branca está aqui
 Eles se escondem e pensam que estão muito seguros,

Mas sou o dono da situação
 Estou lá em cima, lá embaixo, na frente e atrás do muro
 Sozinho, valho mais que um esquadrão
 Eles assaltam, batem, matam e violentam
 Criando um império de terror
 Mas são covardes, fracos, e vivem implorando:
 “Mão Branca, não me mate, por favor!”
 A bandidagem, agora, é bom sair das ruas
 Estou limpando a área pra valer
 Quem tiver culpa, se mata ou manda comprar velas
 Porque vai ser o próximo a morrer
 (...)

Rá-tá-tá, pá-pá, pá... bum!
 São sons que você tem que acostumar
 Essa é a música que toca a orquestra do Mão Branca
 Botando os bandidos pra dançar (YOSHINAGA, 2001, pg. 46).

Sobre o início do Hip Hop no país, citaremos uma entrevista de Nelson Triunfo para Alessandro Buzo, contida no livro *Hip-Hop: dentro do movimento*, de 2010. O pernambucano é um dos precursores do Hip Hop no país, sendo considerado o principal dançarino de soul e break do Brasil.

Tenho ótimas lembranças dessa época. Entre 1983 e 1984, muitos guardas implicavam com a gente, por isso não tínhamos um lugar definido para dançar, mas geralmente ficávamos na região central. Fomos levados para a delegacia várias vezes. A polícia dizia que a gente não podia dançar na rua porque a multidão parava para ver e aquilo atrapalhava a passagem dos pedestres. Aí, pediam para ver nossa carteira de trabalho e nos acusavam de vadiagem. Mas sempre éramos liberados depois da canseira. Uma vez, um policial me disse que, no meio da aglomeração, tinha uma molecada roubando carteiras de pedestres. E, como eu era uma voz ativa da roda de break, ele iria me acusar se alguém fosse roubado. Eu respondi: “E eu posso acusar você por todos os roubos que acontecem nos outros pontos da cidade?”. O policial disse que eu era abusado, mas eu não abaixava a cabeça pra esse tipo de intimidação, porque estávamos na rua com o único intuito de dançar, praticar a nossa arte das ruas. Na maioria das vezes, ficávamos ali nos arredores das ruas 24 de Maio, Barão de Itapetininga e Dom José de Barros, ali na Praça da República. Às vezes, dançávamos na Sé. Eu me lembro que, naquela época, Caju e Castanha também cantavam naquela região, nas ruas. Havia umas coisas curiosas, também. Por exemplo, office boys que paravam para ver a roda de break e chegavam atrasados no trabalho. Alguns perderam o emprego por isso, e depois apareceram na

roda e começaram a dançar com a gente, viraram b.boys. A roda de break nas ruas cresceu e logo apareceu na mídia, em jornais e revistas. Ainda em 1984, essa repercussão levou a gente para a televisão, quando eu e outros b.boys participamos da abertura da novela Partido alto, misturando movimentos de break com passos de samba. Em 1985, tive um problema de saúde, machuquei o joelho e precisei me afastar um pouco da dança. Foi quando o João Break e o Luizinho, irmão dele, levaram o break para a estação São Bento do metrô. E ali se formou o embrião do hip-hop brasileiro, porque o espaço começou a se popularizar e atrair muita gente que hoje é referência nacional, como os Racionais, o Thaíde, o DJ Hum, os grafiteiros Osgemeos, o Marcelinho Back Spin e muitas outras pessoas. Naquela época, o hip-hop era mais unido porque ninguém via o outro como concorrente, até o surgimento das crews. Era um clima de família, mesmo. Dançávamos por diversão, por amor à arte, e nos ajudávamos bastante. Lembro que muitas vezes passamos o chapéu junto ao público para levantar uns trocados. Assim, conseguíamos pagar as nossas passagens de trem ou ônibus e comer alguma coisa. Quando saiu o filme Beat Street, usamos o chapéu para pagar os ingressos no cinema. Acho que vi o filme umas dez vezes naquela época. Foi importante porque a partir dali é que começamos a entender o que é a cultura hip-hop (BUZO, 2010, pg. 23-24).

E foi assim, sem apoio da mídia, que o Hip Hop foi se desenvolvendo em São Paulo e no Brasil. O breaking alcançou a popularidade com Nelson Tiriunfo e seu grupo Funk & Cia. O grafite foi pintando a cidade aos poucos, sendo alternativo ainda para jovens da classe média, em sua maioria universitários, se expressarem. E, nas rodas de break, começaram a despontar alguns rappers que, formaram grupos junto com MCs e bboys, popularizando, deste modo, o Hip Hop como um todo. O início foi conturbado e, mesmo assim, em 1988, foi lançada a coletânea Hip Hop Cultura de Rua. Importantes nomes do rap estavam ali, como Thaíde e D J Hum, MC Jack, Código 13 e O Credo. No ano seguinte, foi a vez do lançamento do primeiro volume de Consciência Black, que trouxe artistas como os Racionais MC's, Criminal Master e MC Gregory.

Somente alguns anos mais tarde, com a chegada de outras informações sobre o rap, o Hip Hop começou a constituir corpo no Brasil, principalmente em São Paulo. Essa primeira geração, nomeada de “Velha Escola”, foi responsável pela gravação dos primeiros raps brasileiros já dentro do contexto do Hip Hop como “cultura de rua”, inicialmente por meio destas coletâneas. Ou seja, a partir do final da década de 80, o rap passou a ser a trilha sonora da periferia e o movimento Hip Hop se transformou em filosofia de vida para muitos,

além disso, “a procura pela história dos negros no Brasil e no exterior fez com que as letras ficassem mais conscientes e críticas” (MOREIRA, 2002, pg.16).

Esta consciência desenvolvida foi fundamental na fundação do MH2O, o Movimento Hip Hop Organizado, consolidando a cultura no país. Criado por Milton Salles, produtor dos Racionais MC's até 1995, em agosto de 1989, o objetivo do grupo era dividir e organizar o Hip Hop no país.

A criação do MH2O organizou e dividiu o movimento no Brasil em dois grupos: as gangues de break e as posses, definindo suas respectivas funções. Ele definiu posses, gangues e as funções de cada um dentro do movimento. É dentro dessas organizações que são trocadas informações e são promovidos debates sobre questões raciais, sociais e políticas. Dessas discussões saem a principal fonte de alimento dos compositores para a criação das letras do rap. Além de promover a divulgação do movimento Hip Hop, foram criadas várias oficinas culturais para a profissionalização dos novos integrantes (SILVA, 2001, pg. 78).

Organizado, o Hip Hop e o rap foram somente crescendo em São Paulo e no país, mas se mantinham ainda na “marginalidade” da mídia e do grande público. Foi somente em 1997, com “Diário de um detento” do álbum Sobrevivendo no Inferno dos Racionais MC's é que o gênero alcançou o topo das paradas pelo país. A música conta a história verídica do massacre no presídio do Carandiru, em 1992, quando 111 presos morreram. Desse modo, Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KL Jay foram os principais responsáveis pela divulgação do rap no Brasil. Com isso, rappers que já há anos cantavam suas letras, passaram a ser reconhecidos fora das periferias também, como Thaíde.

Hoje, o rap hoje está incorporado ao cenário musical brasileiro, tendo saído da periferia e vencido preconceitos, ganhando o grande público. Dezenas de álbuns de rap são lançados anualmente, porém, apesar de vários estilos diferentes dentro do rap, o gênero não perdeu sua essência de denúncia, seja das injustiças ou como vivem os pobres das periferias brasileiras, apesar, é claro, de existirem outras vertentes.

2.1.2.2 O HIP HOP EM BAURU

Já em Bauru, assim como na capital, o Hip Hop só se firmou no fim da década de 80 e começo dos anos 90. Antes disso já havia alguns rappers e bboys se apresentando pela cidade, mas eram eventos esporádicos, sem definir propriamente a chegada da cultura Hip

Hop na cidade. Foi por meio de casas noturnas que promoviam festas e eventos com rap é que o movimento foi ganhando força em Bauru, consolidando-se.

Por esses anos, os DJs de salão de baile como o do Icarai, Skinadance e Bancários começam a encaixar rap em suas listas. (...) Nessas casas eram tocadas músicas de artistas nacionais como MC Pepeu, Ndee Naldinho, MC Jack, Código 13, Irmãos Metralha, Black Júnior e de “gringos” como Afrika Bambaataa, Grandmaster Flash e Kurtis Blow (MOREIRA, 2002, pg. 17).

Foi então no começo dos anos 90, que surgiram os primeiros grupos de rap da cidade, como o Extermínio MCs, Conscientização Rap, Impacto Frontal, Sociedade Feminina e o Desacato Verbal. Este último, responsável pela gravação do primeiro LP de rap do centro-oeste paulista, o Desliga Essa P..., em 1993. E, junto do rap, foram também surgindo e aparecendo os primeiros dançarinos de break da cidade. “Como as casas ficavam quase sempre lotadas, b-boys e b-girls tinham problemas com os seguranças, preocupados com as rodas e as brigas que elas pudessem causar” (MOREIRA, 2002, pg.17). A divulgação destes eventos e festas era feita no corpo-a-corpo mesmo, um indo até a casa do outro e anunciando, já que era muito pouco o apoio recebido pelos meios de comunicação tradicionais da cidade. Com a popularização, o principal palco para as festas era a Praça Rui Barbosa.

A praça foi o primeiro lugar que teve um movimento do Hip Hop, no coreto. Eram umas minas cantando, altos caras tocando. Lembro da Sociedade Feminina, Efeito Frontal, muita coisa legal. E, pra nós, era uma coisa muito nova. Durante a semana era assim, de segunda a sexta trabalhando e, no sábado, rolê na Batista de Carvalho, que era o ponto de encontro com o os amigos (DIAS, 2012, informação verbal) ⁷.

E, foi com a vinda dos Racionais MCs em 1990 no clube dos Bancários que o movimento realmente se consolidou na cidade como uma cultura e também um produto comercial e midiático. O espaço na mídia, porém, se limitava a uma agenda, divulgando o evento. O Hip Hop nunca teve um espaço para ser debatido, analisado e comentado na mídia, isso até 1999, quando o então estudante de jornalismo da UNESP, Gilberto Kurita Yoshinaga começa o seu programa Som das Ruas, na Rádio UNESP FM. O movimento Hip Hop tinha ainda o Voz da Periferia, da extinta Undertech FM. Notadamente, o Hip Hop existia em Bauru, porém, algo disperso. Por isso que, em 2001, nasce o Núcleo Cultural Quilombo do Interior. O projeto surgiu quando algumas pessoas perceberam que o Hip Hop em Bauru era

⁷ Depoimento de Ricardo Dias, o Pica Pau, no dia 7 de julho de 2012, em entrevista na Praça Batista de Carvalho, em Bauru.

forte, mas não era organizado. Durou até 2006 e tinha como um dos objetivos a profissionalização de MCs, por meio de oficinas gratuitas. Desde seu início, seu coordenador, Renato Moreira, o Magu, já despontava como um dos principais articuladores do movimento na cidade.

Em 2005, uma fatalidade durante uma nova apresentação dos Racionais MC's na cidade derrubou o movimento na cidade durante anos.

O grupo esteve presente pela última vez na cidade em 2005 em uma apresentação em uma casa noturna localizada na Rua Azarias Leite e acabou nos jornais da cidade, infelizmente devido a uma circunstância trágica: um jovem de 19 anos morreu em um tiroteio no meio do salão. Em 2003, os Racionais MC's se apresentaram no mesmo local sem incidentes. No dia da tragédia, os Racionais MC's subiram ao palco cantando “Jesus Chorou” e logo após a introdução mítica da canção, o assassinato foi anunciado. Mano Brown, em uma atitude notável, comandou a ordem pedindo para o público deixar a casa noturna. O corpo foi conduzido até o palco e, num ato de fé, o vocalista rezou o pai nosso pedindo proteção ao jovem baleado (CEREZETTI, 2012) ⁸.

Este duro golpe no Hip Hop causado pela violência fez com que durante anos o Hip Hop ficasse praticamente parado na cidade. As oficinas não tinham mais crianças e os shows se esvaziaram. Até mesmo o Quilombo do Interior não resistiu à crise.

Porém, em 2006 o Hip Hop se reergueu. O Instituto Acesso Popular, segundo seu coordenador Jorge Antônio Soriano Moura, é uma organização da sociedade civil de interesse público, sem fins lucrativos, que acredita na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Uma das frentes de atuação da organização é a de Artes e Cultura que, em 2006, conseguiu o apoio da Prefeitura por meio da Lei de Incentivo a Cultura. Esta ramificação tornou-se independente e muito mais atuante, agora com o nome Ponto de Cultura Acesso Hip Hop, coordenado por Renato Moreira, ex-diretor presidente do Quilombo do Interior. Desse modo, o Hip Hop voltou a figurar entre os principais gêneros na cidade. Além de oferecer oficinas, o Ponto de Cultura abre possibilidades efetivas para os artistas do Hip Hop, produzindo e gravando músicas e até mesmo clipes para rappers da cidade.

Então eu acho que o movimento Hip Hop em Bauru teve uma época em que se apagou devido a um fato que aconteceu, não se apagou, mas cada um deu uma amenizada, mas hoje já ta voltando com tudo, pelo esforço de cada grupo de rap ta

⁸ Conteúdo extraído do portal E-Colab, postado no dia 16 de maio de 2012, acesso em 29 de outubro de 2012.

fazendo e pelo esforço até que o Ponto de Cultura ta dando e todo mundo trabalhando num coletivo pra poder somar mesmo e fortalecer esse movimento que não tem só como objetivo levar uma letra qualquer ou falar qualquer coisa, tem o objetivo de transformar mesmo através da música (SOUZA, 2012, Informação verbal)⁹.

Outro rapper de destaque na cidade Júlio César Bastos, o Dom Black, assim como Coruja, também nota uma evolução do movimento na cidade, porém, com algumas ressalvas:

as coisas estão mudando, só que não totalmente do jeito que eu queria que fosse. Eu acho que mudou a aceitação, tudo está melhor, tudo está indo bem, só que ao mesmo tempo não ta. Teve o evento no Vitória Régia com milhares de pessoas, isso eu acho que é bom, poder levar a cultura e a arte para todos os públicos, isso eu acho ótimo. Só que, muitas vezes, vem um show pra cá e o show é trinta reais, quarenta reais, então a favela, a periferia não ta se beneficiando disso, estão ganhando dinheiro com o rap e, muitas vezes, a gente é obrigado a estar no meio disto, porque, a gente vai viver do que? De brisa? Não, a gente tem que ir lá e ganhar dinheiro também, só que nem sempre eu me sinto feliz em estar no palco. Eles me dão liberdade no palco pra eu poder dizer o que eu quiser e fazer o que eu quiser, então eu explico pra eles, fico feliz por estar aqui com vocês, mas eu queria que tivesse mais gente aqui que eu sei que curte, gente que muitas vezes ta do lado de fora, como muitas vezes eu já fiquei, fiquei do lado de fora sem poder entrar e curti o show da calçada. Então, eu acho que a gente deve ver os dois lados da moeda, tipo, levar cultura, ganhar dinheiro e tudo é bom? É ótimo. Só que eu queria que tivesse mais pra favela, porque muitas vezes o problema é discutido só que a favela não está presente. A gente ta lá mandando ideia, contando o cotidiano de pessoas da periferia como nós, só que a periferia não está presente, não ta curtindo. Quem vive o que a gente vive não ta ali ouvindo o som. Então, isso eu não acho que é bom, só que eu acho que é bom levar pra eles a nossa ideia e eles também absorverem e assimilar, entender, curtir o show com a gente, acho que tudo é ótimo (BASTOS, 2012, informação verbal)¹⁰.

Uma das preocupações do Ponto de Cultura Acesso Hip Hop atualmente é o incentivo à circulação de dinheiro por meio do Hip Hop, gerando renda:

Muita gente já ganhou muito dinheiro com o Hip Hop, só que não foram os manos, não foram os rappers, não foram os MCs, não foram os b-boys, não foram os grafiteiros. E hoje, os manos estão aprendendo a ganhar esse dinheiro, estão pegando o que é seu. Quando eu começo a comprar o CD do meu amigo, que vai

⁹ Depoimento de Gustavo Vinícius Gomes de Souza, o Coruja BC1, em entrevista no dia 31 de maio de 2012, na sede do Ponto de Cultura Acesso Hip Hop

¹⁰ Depoimento de Júlio César Bastos, o Dom Black, em entrevista no dia 31 de maio de 2012, na sede do Ponto de Cultura Acesso Hip Hop.

comprar a camiseta do amigo dele, a gente começa a fazer o nosso dinheiro circular entre nós (MOREIRA, 2012, informação verbal) ¹¹.

Seja, portanto, por meio do Ponto de Cultura Acesso Popular ou das outras duas instituições apoiadoras do movimento na cidade, a ONG Periferia Legal e a produtora Somos Um, ou pelo esforço de cada apoiador individual, o Hip Hop vem se estabelecendo na cidade. Exemplo disso é o gênero alcançando lugares como o SESC, no último dia 26 de agosto. Em âmbito nacional, a rapper não acredita que o movimento Hip Hop esteja unido, porém, vê em Bauru esforços visando a consolidação desta cultura:

Acho ilusão falar que o movimento Hip Hop está unido. Tem muitas cabeças pensantes que estão se articulando, a juventude está curtindo e está disposta a ouvir a mensagem, mas, sinto que, como todo sistema que a gente vive, existe uma competitividade. Quando começou a gerar dinheiro, o mercado virou competitivo. Muitas vezes são realizados eventos que juntam pessoas para discutir e, na verdade, não se chega a conclusão nenhuma ou ações. Existem pessoas que acessam um edital, catam uma grana e de repente fazem uma meia dúzia de debates só pra justificar, o que não é o caso de vocês aqui em Bauru. O Hip Hop como assistencialismo muitas vezes acaba não dando certo, mas quando a discussão vira ação, aí começa a fazer sentido (LUZ, 2012, informação verbal) ¹².

2.2 REVISTA e LINGUAGEM

Foi na Alemanha, em 1663, que se tem notícia da primeira revista publicada. A *Erbauliche Monats-Unterredungen* (ou Edificantes Discussões Mensais) em muito se assemelhava a um livro, mas por trazer vários artigos sobre um mesmo assunto – teologia, ser veiculada periodicamente e ser voltada para um público específico era considerada revista.

Já aqui no país, as primeiras notícias a respeito das revistas são do século XIX, em 1812 foi publicada pelo tipógrafo e livreiro português Manoel Antônio da Silva Serva a *As Variedades ou Ensaio de Literatura*. Segundo Sodré, a publicação

[...] propunha-se a divulgar discursos, extratos de história antiga e moderna, viagens, trechos de autores clássicos, anedotas, etc. Suas características de jornal, assim,

¹¹ Depoimento de Renato Moreira, o Magu, em entrevista a João Flavio Lima, no programa Música Ligeira da Rádio UNESP FM, em Bauru, no dia 18 de agosto de 2012.

¹² Depoimento de Lurdez da Luz, (nome artístico de Lurdes da Luz), no dia 26 de agosto de 2012, no SESC-Bauru, em show de encerramento do X Fórum de Hip Hop do Interior.

eram muito vagas. Foi ensaio frustrado de periodismo de cultura – destinava-se a mensário – que o meio não comportava (SODRÉ, 1999, pg. 30)

Foi somente no início do século XX que as revistas começaram a ganhar dimensão e espaço no país, diferenciando-se dos jornais, que passavam naquela época por mudanças estruturais. Barbosa (2007) explica que foi uma época de transição, quando as contribuições literárias começaram a ser separadas na paginação dos jornais, constituindo uma seção própria, já que os jornais haviam deixado de querer serem todos eles literários.

Nos dias de hoje, o conteúdo de uma revista é um misto de entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos, onde se verifica maior enfoque a informações pessoais, ou seja, aquelas que irão ajudar o leitor em seu cotidiano, ao invés de apostar em pautas quentes (SCALZO, 2006, p. 14), além de, como na revista alemã, ter uma periodicidade e ser voltada a um público específico. Segundo Villas Boas, a revista

[...] preenche os vazios informativos deixados pelas coberturas dos jornais, rádios e televisão. Além de visualmente mais sofisticadas, outro fator a diferencia sobremaneira do jornal: o texto. Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário (SCALZO, 1996, p.9).

Ou seja, em revista, é fundamental e necessário que novos ângulos sejam explorados, que ocorra uma busca por notícias exclusivas, e que o foco da publicação seja ajustado para aquilo que o leitor deseja saber e entender. Basicamente, revistas devem tratar de assuntos, não fatos. Jornais diários, preocupados com a cobertura dos últimos acontecimentos, são os responsáveis dentro do jornalismo por informar sobre o que está acontecendo, “já a revista deve tratar o conceito de notícia de um modo mais amplo, reestabelecendo um contexto maior” (VILLAS BOAS, 1996, p. 75).

Ou seja, “se não serve para esclarecer, alertar, forjar consciências e contribuir para a construção de um mundo menos injusto e desigual, para que serve mesmo o jornalismo?” (NOBLAT, 2006, p. 39). Cremilda Medina (1978) também teoriza sobre o assunto, escrevendo sobre a responsabilidade social que devemos ter enquanto jornalistas possuidores de informação. Desde a antiguidade, a comunicação esta presente entre os povos. As trocas de informações, antes ligadas ao comércio, se tornam, com o tempo, um produto do noticiário. Com esse surgimento dos periódicos, transmitindo os fatos ocorridos para a população, a notícia torna-se um produto de venda. Com as informações sendo cada vez mais

trocadas, as ações ganham uma liberdade maior, um direito de se propagar as informações, os primeiros jornais, ou ainda, a cultura da comunicação de massa. Porém, essa liberdade não é possuída por todos, os detentores dos meios de comunicação sempre foram os mais privilegiados monetariamente ou dos pensadores, fazendo com que a informação não saia de todas as classes, mas chegue a elas por meio de uma responsabilidade social que deve ser presente nos comunicadores.

Seguindo estes e outros autores que tratam da Comunicação Social, nasceu o projeto da revista H2 que busca, não apenas informar, mas também estabelecer um referencial, firmar um contato com o leitor, fundamentado pela base técnica do jornalismo, buscando sempre cumprir a função social do jornalismo.

A revista, ainda

[...] tem o sentido de informação e, por que não dizer, de entretenimento. Um lazer que mistura sedução, necessidade de haver personagens, “espetáculos” etc. Além dessas, há uma outra característica, a liberdade” (VILLAS BOAS, 1996, p. 34).

Este foi outro ponto de suma importância para a escolha de revista como a forma do produto, a liberdade, tanto estilística como editorial.

O ponto de vista de Clóvis Rossi (1986), de que proprietários de grandes meios de comunicação têm um controle absoluto e rígido de tudo o que se publica, foi confirmado logo no início deste projeto, durante entrevista com a jornalista Mariana Cerigatto, do caderno de cultura do mais tradicional jornal da cidade. Valores econômicos e até o gosto do editor inviabilizam matérias mais especializadas, como o Hip Hop, nos meios tradicionais de Bauru.

A força comercial das matérias é constantemente algo a ser considerado nos veículos de comunicação, principalmente na área cultural. São empresas e produtores divulgando seus eventos e, ao mesmo tempo, investindo no jornal. Então é lógico que o jornal vai dar mais espaço para um show que esta sendo divulgado no jornal e tem um investimento por trás, voltado para o próprio jornal. Os anunciantes são, muitas vezes, produtores que trazem shows e acabam comandando a linha principal de matérias do caderno. A gente tem aqui em Bauru algumas empresas de produtores que, qualquer coisa que eles tragam, tem que dar destaque, porque eles são ao mesmo tempo anunciantes do jornal. (CERIGATTO, informação verbal)¹³.

¹³ Depoimento obtido durante entrevista com a jornalista Mariana Cerigatto, no dia 16 de agosto na Universidade do Sagrado Coração, em Bauru.

Outro teórico que aborda o tema liberdade em sua obra é Michael Kunczik (2001), para o autor uma das grandes ilusões de muitos principiantes no jornalismo é a ideia de que estes sejam livres e independentes para escrever tudo sobre qualquer assunto. O autor explica que nos dias de hoje, o jornalista de tempo integral é membro de uma organização de estrutura hierárquica que o controla e acaba por influenciar sua produção intelectual. E, ainda segundo Kunczik, o trabalho jornalístico legítimo, genuíno, aquele de investigação, redação e edição praticamente já não existe mais, já que os profissionais da área que se mostram competentes, produzindo material de qualidade, são promovidos a postos, como os de administração e diretoria, onde não podem mais utilizar suas habilidades jornalísticas.

Esta presença de determinados assuntos nos meios de comunicação e falta de outros é explicada pela teoria do gatekeeper, originalmente surgida no campo da psicologia e adaptada à análise comunicacional por David Manning White, nos anos 50. De uma forma geral, o jornalista, seguindo critérios arbitrários e subjetivos, atua como um porteiro que abre e fecha a porta para as notícias, ou seja, aquelas que parecem mais interessantes são publicadas e as restantes são esquecidas. Traquina (2001) explica que, de um modo geral, todo jornalista, a todo momento, é um gatekeeper, pois, além das escolhas das pautas que mais o interessam, cabe também a este profissional a escolha dos detalhes que serão destacados e publicados. O jornalista pode “abrir o portão” para determinada informação e omitir outra. Pode dar destaque para determinada opinião ou ponto de vista e desvalorizar outros. Além disso, os editores, comandantes dos meios, têm como função selecionar o que será publicado, além de configurar o destaque para cada conteúdo, configurando os verdadeiros gatekeepers. Tal teoria pressupõe que as notícias são como são porque os jornalistas assim as determinam. Desse modo, notícias sem valores comerciais, como as do Hip Hop aqui na cidade, não recebem o destaque merecido.

Por tratarmos na revista de assuntos relacionados a um tema específico, o Hip Hop, é preciso um cuidado com a questão da especialização. O primeiro desafio de um jornalista que escreve para uma revista especializada é a exigência do leitor por um texto com excelência, já que esse já conhece bastante do assunto. Porém, é papel também do jornalista transformar os mais diversos e complexos assuntos em matérias, textos, reportagens, etc. os quais o leitor possa entender e interpretar, seguindo o princípio da leiturabilidade, explicado por Silva (1985). Scalzo escreve que “o desafio para o jornalista é, portanto, fazer uma revista acessível aos leitores comuns, mas seu texto deve ser preciso ao ponto de poder ser lido sem constrangimentos, por um especialista da área” (2006, p. 57).

Nilson Lage (2008) acredita que são necessários pelo menos seis meses de leitura e observação para que qualquer jornalista competente seja capaz de se adestrar para cobrir áreas específicas como o mercado de capitais ou o setor de saúde de uma metrópole. Lage se apoia na Teoria da Cognição que sustenta que, para transmitir o conhecimento de algo, é preciso entender este algo, isto é, construir um modelo mental dele, ou seja

uma estrutura incompleta, aproximada e referida a um contexto cultural que é o acervo da memória. Isto significa que um repórter de política nacional, por exemplo, não precisa ser um cientista político (e, se for, usará em seu trabalho muito pouco da ciência política que aprendeu), mas deve dispor do máximo de informações sobre a história recente, a organização do Estado e a natureza dos fatos políticos (LAGE, 2008, pg. 111-112)

Este cuidado especial do jornalista de revista com o texto existe devido à relação que existe com o leitor. Uma revista é definida, tanto sua estética como a linguagem jornalística, pelo seu leitor, pelo público que busca atingir. O consumidor em geral é marcado pela heterogeneidade cultural, porém, entre os leitores de uma revista, esta diversidade é bem menor, ou seja, a revista é voltada a um público específico, o qual o editor e o jornalista devem ter total entendimento.

Um grande editor, que consegue estabelecer uma relação estreita com determinado público, muitas vezes sabe (e, melhor dizendo, deve necessariamente saber), antes mesmo que o próprio leitor, o que aquele segmento de mercado quer ou vai querer ler – pois só assim a revista será capaz de adiantar-se ao desejo do público e surpreendê-lo (SCALZO, 2006, p.38 e 39).

Além disso,

revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, da sensação de pertencer a um determinado grupo (SCALZO, 2006, p.12)

Para atrair e seduzir o leitor, texto e projeto gráfico devem estar em harmonia, já que as revistas em geral buscam refletir a cultura e o estilo de vida de determinado lugar, ideologia ou movimento, neste nosso caso, o Hip Hop na cidade de Bauru. Buscando, portanto, noticiar a identidade deste grupo específico, foi preciso muita pesquisa e documentação, porém o principal foi o envolvimento com assunto, fundamental segundo Villas Boas: “as palavras têm que traduzir o seu envolvimento com o assunto. Senão, o leitor

não vai se envolver” (1996, pg. 26). Como o jornalista de revista dispõe de um maior tempo, este envolvimento, esta imersão no tema a ser noticiado, além da análise e interpretação dos fatos, são fundamentais. Segundo Scalzo, “a periodicidade mais elástica exige que o jornalista encontre novos enfoques para os assuntos de que vai tratar, buscando sempre uma maneira original de abordá-lo” (2006, p. 65). E isto foi possível na produção da revista H2. Produzimos matérias analíticas, com informações, análises, interpretação e até mesmo com pontos de vista, sempre, porém, seguindo o código de ética do jornalismo, como recomenda Clóvis Rossi (1986), que prega pela honestidade e comprometimento com o leitor, ou seja, o jornalista deve buscar sempre a neutralidade em seus textos. Sempre é necessário ouvir todos os lados da história. Declarações recolhidas podem comprometer quem a fez e o próprio autor da matéria, por isso é de responsabilidade do jornalista e tivemos este cuidado para não causar prejuízos a ninguém.

Com este maior tempo, nós trabalhamos o texto da melhor maneira possível, seguindo teóricos em jornalismo e comunicação social, buscando sempre criar uma identidade com o público alvo, com textos atraentes e de leitura prazerosa. Além disso, como já foi escrito, muita pesquisa e documentação foram realizadas para a produção da revista já que, como mediadores, analisamos, selecionamos, recortamos e assim, estamos oferecendo informações qualificadas, esperando, desse modo, alcançar credibilidade e conquistar a confiança do leitor.

Para isso, buscamos trabalhar o texto da melhor forma possível, quanto à própria estética do texto, tornando a leitura agradável e prazerosa, como também em relação ao conteúdo. Fugimos da chamada Teoria do Espelho que, segundo Traquina, diz que as notícias são como são porque a realidade as determinam, ou seja, as notícias simplesmente relatam a realidade da maneira como ela se apresenta, sem qualquer intervenção subjetiva. Na produção da revista H2, fomos observadores e relatamos com honestidade e equilíbrio o que vimos, porém, como é pedido em revistas, emitimos pontos de vistas, inserimos conteúdos extras, advindo de pesquisas, entrevistas e documentações, investigamos, porém sem levar ao leitor opiniões pessoais.

Para Noblat, é função do jornalista fazer a intermediação do leitor com aquilo que está sendo retratado, ou seja, nós, como veículo assumidamente especializado na cultura Hip Hop, devemos ter total consciência do que estamos publicando e, seguindo os conceitos de jornalismo e de jornalismo em revista, oferecer ao leitor um texto leve, ético e com

informações realmente importantes. O texto jornalístico tem de ser preciso, segundo Noblat (2008). Para Nilson Lage (2006), o leitor não irá se impressionar com a qualidade da notícia, com a formatação correta ou com o “leiaute espetacular”. É claro que estes são aspectos importantes que chamam a atenção, porém, é fundamental que o leitor se motive pelo fato acontecido, pelo assunto abordado, que leia a notícia, matéria, reportagem, etc. e forme a sua opinião a respeito. Para isso, o jornalista de revista não deve escrever para si mesmo, desse modo, nós nos preocupamos em praticar o jornalismo como prestadores de serviços. Scalzo escreve que “na maior parte do tempo, o jornalista de revista estará ocupado muito mais em prestar um serviço do que em apresentar um furo de reportagem” (2006, p. 55).

Apesar de livros, teóricos, professores e manuais fornecerem muitos subsídios e dicas, é importante que cada um encontre seu estilo próprio e pessoal de escrita, segundo Vilas Boas. E, nesta busca, a produção da revista H2 está nos ajudando. “Valioso é nunca desistir de encontrar um estilo próprio (pessoal) de escrever. Tudo isso leva tempo e exige dedicação” (1996, p. 31). O estilo está vinculado ao tempo, ao espaço e à interpretação que o autor dá as suas experiências, leituras e tudo o que o cerca, por isso, o envolvimento pleno com o assunto é fundamental, para que o estilo da linguagem jornalística desenvolvido seja adequado ao assunto tratado. Mesmo assim, existem algumas regras para uma boa reportagem de revista segundo Scalzo: “checar informações, ouvir fontes confiáveis, cruzar dados, enfim, fazer jornalismo, mesmo que seja para redigir uma pequena nota sobre a estreia de uma nova peça teatral” (2006, p. 55). Villas Boas também tem ensinamentos para o desenvolvimento de uma reportagem de qualidade para revista: “enumerar, descrever detalhes, comparar, fazer analogias, criar contrastes, exemplificar, lembrar, ilustrar, dar testemunhalidade” (1996, p. 19).

Para desenvolver este estilo próprio de revista, seguimos vários teóricos da Comunicação Social. Um texto para revista é, impreterivelmente, mais interpretativo e documental e, sendo mais longo e analítico, deve seduzir e prender a atenção do leitor, tudo isto com auxílio, é claro, de um projeto gráfico adequado. Na revista, cabem percepções do jornalista, como cores, cheiros e descrições, além disso, também é aceito uma humanização das personagens e das histórias, dando o máximo de detalhes sobre todas as situações e envolvidos.

O texto de revista se propõe mais abertamente a interpretar o fato. Depois de “assentada a poeira”, vem a reflexão, a visão detalhada do contexto, a narrativa

instigante e atraente, que faça o leitor mergulhar na “história” (VILAS BOAS, 1996, p. 14).

A revista deve sempre buscar linguagens e formas alternativas, as quais não cansem o leitor, como por exemplo, fugir do “diz” e do “afirma”, após uma citação de uma fala de algum entrevistado. Para Vilas Boas (1996), são muitos os verbos que, além de dar um toque de beleza ao texto, também transmitem informações interessantes ao leitor sobre o personagem. Como seres humanos, os entrevistados podem reclamar, chorar, vociferar, implorar, exaltar, esbravejar ou espernear. De um modo correto, dependendo do tom empregado pelo personagem e o que ele intentou em dizer, não há problemas e é recomendado o uso destes verbos, fugindo, desse modo, do padrão do jornalismo diário.

Para manter viva a atenção do leitor na página, você precisa também de detalhes da aparência, modos, trejeitos, a forma como o personagem fala ou se move. São aqueles pequenos toques humanos, que até podem não ser fundamentais para impulsionar a narrativa, mas fazem os personagens parecerem reais. (VILAS BOAS, 1996, p.47)

No jornalismo de revista, segundo os teóricos, deve-se optar por um texto enxuto, com blocos curtos de texto e bem organizado, de modo a prender o leitor:

em revista, os parágrafos devem ser econômicos, limpos e concisos. Devem causar impacto e não dispersar o leitor para os detalhes que serão preciosos em outras partes do texto. Ou seja, reorganizar para fazer o leitor pensar, indagar e sentir (VILAS BOAS, 1996, p. 31)

Além disso, seguindo a ética da imparcialidade jornalística, as matérias produzidas sempre relatam opiniões dos entrevistados, nos limitando ao passar o nosso ponto de visto, algo necessário em uma revista segundo Vilas Boas: “toda reportagem de revista traz no texto, implícito ou não, uma espécie de ponto de vista, que aqui não deve ser confundido com qualquer tipo de opinião” (1996, p.21). O teórico nos alerta também sobre a diferença entre opinião e ponto de vista, sendo este último “mais ou menos a moral da história” (1996 , p. 21).

A imparcialidade jornalística ainda é um tema muitos discutido nos dias de hoje, gerando polêmica. Mesmo seguindo todos os conselhos dos teóricos, acabamos por colocar nas matérias nosso ponto de vista, que, segundo Vilas Boas, é algo fundamental para revistas. Por isso, nos aprofundamos sobre o assunto para tecer nossos comentários e pontos de vista com embasamento teórico e também de vivência, devido ao intenso envolvimento com o

assunto da revista H2. Scalzo (2006) afirma que na internet todos podem se expressar, mas quando alguém quer ler algo em que possa confiar, este leitor irá buscar mediadores com credibilidade, que ofereçam informações e pontos de vista qualificados, e isto este leitor irá encontrar nas publicações de revista. No jornalismo, imparcialidade é um conceito muito anunciado, mas impossível de ser conseguido, afirmam vários teóricos. Muitos se dizem imparciais, porém, manuais de redação indicam que a neutralidade total nunca será atingida. O jornalista não pode dizer ou escrever o que quer, opinando sem conceitos. Sobre a imparcialidade, Ricardo Noblat publicou um comentário em seu blog no dia 26 de agosto de 2010:

Este é um dos mitos cultivados há mais de século: jornalista é imparcial. Ou tem obrigação de ser. Ninguém é imparcial. Porque você é obrigado a fazer escolhas a todo instante. E ao fazer toma partido. Quando destaco mais uma notícia do que outra faço uma escolha. Tomo partido. Quando opino a respeito de qualquer coisa tomo partido. Cobre-se do jornalista honestidade. Não posso inventar nada. Não posso mentir. Não posso manipular fatos. Mas posso errar - como qualquer um pode. E quando erro, devo admitir o erro e me desculpar por ele. Cobre-se do jornalista independência. Não posso omitir informações ou subvertê-las para servir aos meus interesses ou a interesses alheios. Se me limito a dar uma notícia devo ser objetivo. Cabe aos leitores tirarem suas próprias conclusões. Se comento uma notícia ou analiso um fato, ofereço minhas próprias conclusões. Cabe aos leitores refletir a respeito, concordar, divergir ou se manter indiferente. Jornalista é um incômodo. E é assim que deve ser. Se não for não é jornalista (NOBLAT, 2010) ¹⁴.

Buscamos um texto mais investigativo e interpretativo, menos objetivo e mais criativo, aproximando-nos algumas vezes do estilo literário. Porém, sempre tendo em mente que a revista deve atender aos princípios do jornalismo e não da literatura. Nossos objetivos básicos são informar, documentar e interpretar, compromissos do jornalismo, não notados na literatura. Por isso, mesmo sendo mais literária que o jornal no que se refere ao tratamento do texto, constantemente buscamos e assumimos o compromisso de informar com responsabilidade, educar e prestar serviço.

2.3 REPORTAGENS

¹⁴ Conteúdo extraído do Blog do Noblat, postado no dia 26 de agosto de 2010, acesso em 23 de outubro de 2012.

Segundo vários teóricos, a reportagem deve informar de modo mais profundo os fatos, acrescentando, ainda, diversas opiniões e pontos de vista. Estabelece, ainda, conexões entre o fato central e acontecimentos paralelos. Pode conter citações, trechos de entrevistas, boxes informativos, dados estatísticos, fotografias e tudo mais que for contribuir para enriquecer o conteúdo publicado. Além de informar, deve fornecer ao leitor informações novas e relevantes sobre o acontecimento em questão, além de instigar o pensamento e a tomada de valores do próprio leitor. Pode conter pontos de vista, questionando causas e efeitos do fato abordado, interpretando-o e orientando os leitores. Pode começar seguindo o padrão do lead, porém, obrigatoriamente deve ampliar o fato principal, acrescentando opiniões e diferentes versões. Porém, como escreveu Dimenstein (1990), não existem fórmulas prontas para se fazer uma reportagem, ou seja, a boa reportagem depende do talento individual do jornalista e das técnicas usadas por ele durante o processo. Um jornalista que fica sentado em frente ao computador dificilmente conseguirá abordar todos os ângulos de determinado assunto, por isso, uma reportagem de qualidade deve ser feita com a prática da observação direta, participativa, com o repórter realizando coletas, análises, dando seu testemunho do que está acontecendo, ou seja, o repórter tem que ir a campo, para relatar os fatos de uma forma mais imparcial e correta: “É lá (na rua) que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia” (KOTSCHO, 1995, pg. 12). Porém, o trabalho de produção é de fundamental importância, para que o trabalho de rua seja fundamentado em um conhecimento prévio e, desse modo, evita-se a realização de coberturas rasas.

Kotscho também teoriza sobre a produção de perfis, sendo esta área o “filão mais rico das matérias chamadas humanas” (1995, pg. 42). Assim como nas reportagens, é fundamental um trabalho prévio, de produção:

o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade. Para isso, é necessário que ele se municiie previamente sobre o tema de que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar, é preciso, antes de mais nada, conhecê-lo bem. Estas informações prévias podem ser conseguidas tanto no arquivo do jornal como com pessoas ligadas ao assunto (KOTSCHO, 1995, pg. 42)

Além disso,

Preparar perguntas e levantar os pontos polêmicos que serão tratados na matéria é o início do trabalho. Mas o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito,

qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria (KOTSCHO, 1995, pg. 42)

Para a produção de um bom perfil, na entrevista, logo de cara o repórter deve ganhar a confiança de seu entrevistado, para poder conseguir arrancar tudo dele.

2.4 ENTREVISTAS

As reportagens da revista foram construídas baseadas em pesquisas, documentações e uma série de entrevistas, com todos os dados obtidos cruzados, apresentadas ao leitor de maneira contextualizada, com dados adicionais e informações relevantes. Basicamente, buscamos oferecer narrativas que buscam informar e fazer compreender o que de interessante ocorreu durante a história do movimento Hip Hop em Bauru, no país e no mundo. Entre as fontes de conteúdo, foram as entrevistas que nos renderam as principais e mais valiosas informações. Entrevista nada mais é do que a reprodução da conversa que tivemos com pessoas possuidoras de conhecimento sobre assuntos específicos, seja mídia, saúde, comportamento ou o Hip Hop em si.

Para a criação dos nossos textos, as perguntas aos entrevistados não se limitaram ao padrão “o quê?”, “onde?”, “quando?” e “como?”. Fundamentados por pesquisas sobre o conteúdo a ser abordado além de teorias da Comunicação Social, buscamos informações aprofundadas com o maior número de detalhes possíveis, conteúdo este essencial para uma revista. As entrevistas para a revista H2 foram temáticas, ou seja, abordam determinado tema, testemunhal, com o relato do entrevistado sobre algo que ele participou ou assistiu, e de profundidade, onde o que interessa é a figura do entrevistado. As entrevistas foram realizadas de forma ocasional, quando não é programada e dialogal, ou seja, a entrevista por excelência. Sempre orientado pela ética do jornalismo, respeitamos informações que nos foram pedidas para não serem publicadas, não induzimos resposta alguma e buscamos sempre dar a maior liberdade possível para que os entrevistados expressassem bem seus pontos de vista, opiniões e vivência, de forma clara e coesa.

2.5 SEÇÕES

Composta por uma série de matérias, reportagens e seções, a revista H2 buscou sempre uma unidade entre as pautas escolhidas, para que todo o conteúdo abordado seja de interesse ao nosso público alvo, formado por jovens entre 15 e 35 anos, das C, D e E, ou a qualquer um que se interesse pelo assunto. Nas XX páginas da revista, de diversas formas abordamos o Hip Hop, seja em uma análise da relação do movimento com a mídia ou por meio de um perfil de um rapper da cidade.

PERFIL

O foco desta área da revista é traçar o perfil de nomes importantes que movimentam o Hip Hop na cidade de Bauru, sejam articuladores, MCs, DJs, dançarinos, grafiteiros ou mesmo apreciadores. É o espaço de aprofundamento, onde iremos noticiar questões pessoais dos entrevistados, mas sempre atendendo aos critérios de noticiabilidade que nos foi ensinado. Um pequeno histórico da pessoa seguido de opiniões, influências, fatos curiosos e interessantes do entrevistado em questão. Nesta primeira edição da Revista H2, conversamos e traçamos o perfil do rapper Coruja BC1, um dos principais nomes na cena do Hip Hop bauruense. Informamos ao leitor sobre as origens do rapper, suas influências, suas opiniões, seu envolvimento com sua família, como ele vê o movimento na cidade, entre outros. Mesmo tratando de questões pessoais por se tratar de um perfil, a seção pretende não cair em temas banais e fúteis, levando ao leitor informações de qualidade sobre nomes importantes para o Hip Hop.

COBERTURA

Sabe-se que em revista as notícias mais factuais não tem tanto espaço, por isso, a Revista H2 irá focar suas coberturas em eventos como o Projeto Ensaios, desta edição. Eventos realizados com frequência e que tenham uma importância social por trás. Além disso, não nos limitamos somente em informar sobre o evento, a cobertura é o espaço no qual o repórter pode relatar suas impressões sobre o evento, local, clima, pessoas, etc. Além disso, por meio de entrevistas, também iremos noticiar opiniões dos participantes, espectadores, etc.

DEPOIMENTO

Devido à importância social do Hip Hop que queremos mostrar, como uma ferramenta de educação e de resgate, nesta seção, a cada edição, iremos trazer um depoimento de alguma pessoa respondendo a seguinte pergunta: “como o Hip Hop salvou a sua vida?”. Transcrição livre da resposta do entrevistado.

BAURU

Nesta seção, iremos sempre abordar o movimento Hip Hop na cidade de Bauru, traçando históricos, entrevistando os principais nomes em questão, para trazer ao leitor informações exclusivas, já que a cobertura por parte da mídia tradicional é falha. Históricos, sugestões de álbuns, entrevistas com os principais articuladores, rappers, DJs, MCs, grafiteiros e b-boys, além de instigar discussão sobre a atual fase do movimento Hip Hop na cidade, sempre dando voz aos entrevistados e aos seus pontos de vista e opiniões.

OPINIÃO

Seção esta que pode aparecer mais de uma vez na publicação, pois determinados assuntos merecem uma opinião de alguém de fora, ou seja, alguém com notório saber sobre o tema em questão. Por meio de transcrição livre da resposta dos entrevistados ou também com textos enviados por colaboradores, a ideia desta seção é trazer opiniões diversas, levantando questões polêmicas e gerando reflexão.

INTERNET

É sabido que maior parte do movimento Hip Hop está conectada à internet e tem acesso frequente. Como a internet também cria muitas possibilidades, a ideia desta seção é a prestação de serviço, por meio de dicas e ensinamentos de como fazer bom uso da rede. Seja por meio de exemplos que deram certo ou até mesmo com dicas de especialistas.

ANÁLISE

Nesta seção levantamos ou retomamos algum assunto envolvendo o movimento Hip Hop em Bauru, no Brasil ou no mundo e nos aprofundamos, por meio de pesquisa, documentação e entrevistas com especialistas no assunto em questão. Em *Análise*, o texto é mais analítico e complexo, porém, perfeitamente apropriado à publicação, já que MCs e o movimento Hip Hop em si gostam de ler e de se manter bem informados: “um dos conceitos bons do rap é o de estar bem informado e ser capaz de trocar uma ideia” (MC Dharlis, em entrevista).

TROCANDO IDEIA

Seção de entrevista da revista, no formato pingue-pongue, com uma introdução seguida da transcrição das perguntas e respostas. Assuntos importantes para o movimento Hip

Hop abordados de forma diferenciada, aprofundada, por meio de entrevistas com nomes importantes do movimento. Exemplo disso, nesta primeira edição conversamos com Max B.O., rapper e apresentador do programa *Manos e Minas* da *TV Cultura* sobre a relação do movimento com a mídia tradicional.

MATÉRIA ESPECIAL

Sempre um tema diferente, mas que seja de interesse para o movimento Hip Hop. Seja alguma discussão atual ou algum assunto que mereça ser passado a limpo, a Revista H2 vai informar da melhor forma, oferecendo ao leitor um conteúdo interessante, contextualizado e aprofundado, além de contar com opiniões e depoimentos de especialistas no assunto em questão.

MATÉRIAS FIXAS

A revista é complementada por matérias abordando os quatro elementos do Hip Hop: o grafite, o breaking, o rap e o DJ. Matérias e reportagens com cunho histórico ou interpretativas ou até mesmo mais literárias, sempre, porém com personagens e depoimentos, além de seguindo o estilo magazine. Com temas diversos, mas sempre ligados ao movimento Hip Hop, os textos contarão com abordagens exclusivas, entrevistas com especialistas e nomes de destaque dentro do movimento Hip Hop, além de opiniões e pontos de vistas sobre temas recorrentes.

3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Cada matéria realizada para a revista não foi feita baseada apenas em uma ou outra entrevista. Durante meses de produção, conhecemos e conversamos com uma série de pessoas que têm o Hip Hop como estilo de vida; pudemos conhecer ONGs, pontos de cultura, assistimos a shows e procuramos vivenciar por algum tempo aquilo que algumas pessoas vivenciam há anos, desde crianças. Fomos às ruas para ver como acontece a realização de um grafite, estivemos no camarim antes de um show de rap, comparecemos a workshops sobre a atividade do DJ e também a aulas de breaking. Observamos a maneira como se vestem e até a forma particular de falar, as gírias próprias do grupo. Tudo isso nos influenciou de alguma forma para que colocássemos nossas impressões em cada matéria e cada parte do presente trabalho. Do *Perfil* até *Trocando ideia*, texto de João Paulo Monteiro, já de *Poesia de rua* até *Profissão DJ*, são as impressões de Juliana.

PERFIL – CORUJA BC1 – O RAP AINDA É DEDO NA FERIDA

O primeiro rapper que entrevistei para a produção da Revista H2 foi o Coruja, no dia 31 de maio. Antes disto, havia conversado com o Renato Magu, coordenador do Ponto de Cultura Acesso Hip Hop. Foi o Renato que primeiro me situou dentro do cenário do movimento na cidade. Fui ao Ponto de Cultura, aonde conversei por horas e combinei de retornar ao local para entrevistar Coruja quando ele fosse gravar uma música. E fiz como o combinado, era uma quinta-feira de tarde, bastante sol em Bauru. Cheguei ao local, cumprimentei a todos, entre o Magu e outros membros do Ponto de Cultura: Felipe Canela, Miez Beats, Conrado Dacax e o Julio Bastos, o Dom Black, e acompanhei o ensaio e umas gravações. Entre as músicas, “Não pode murmurá” e “Bauru City”, que fizeram bastante sucesso com o lançamento da mixtape *Até surdo ouviu*. Enfim, após as canções, comecei a conversa. Tinha ouvido falar muito sobre ele e aquela foi a oportunidade para conhecê-lo, e fiz isto durante a entrevista. Sem a necessidade de muitas perguntas, Coruja foi se soltando e falando. Errou em umas respostas e pediu para começar de novo, respondi que tudo bem, já que o material seria editado. A infância, familiares, Bauru, Acesso Hip Hop, letras, o rap em si entre tantos outros assuntos. Para o primeiro encontro com o jovem de apenas 18 anos, a conversa foi longa e prazerosa. Encontramo-nos várias outras vezes. No dia 18 de agosto, o rapper foi até os estúdios da Rádio UNESP para uma entrevista com João Flávio Lima, do programa Música Ligeira. Passados quase três meses da primeira entrevista, ali pude notar o

quanto o jovem evoluiu. Estava desinibido, falava ao microfone como se estivesse no palco. Acompanhei o rapper em várias apresentações também, como no encerramento das atividades da 18ª edição do Fórum de Hip Hop do Interior Paulista no Alecrim Bar e, antes, no SESC, subindo ao palco e roubando a cena com seu improviso no show de Lurdes da Luz. No começo de setembro, com as arquibancadas do anfiteatro do Vitória Régia tomado por fãs, Coruja contagiou o público durante o festival Canja. Com a música *Saudade* que retrata a dor pela perda do pai, a comoção foi grande, sendo possível notar até mesmo lágrimas em parte do público. No camarim, minutos antes de entrar para se apresentar no festival Canja, ele estava tranquilo. Abracei-o, desejei boa sorte, nos surpreendemos com a quantidade de pessoas presentes e até mesmo o ajudei vendendo um de seus CDs para um fã por R\$5. Bom, juntando um pouco de cada um destes encontros, mas com aquela primeira conversa como pilar, escrevi o perfil do jovem rapper. As fotos da matéria foram cedidas gentilmente por Guáira Maia, fotógrafa e por Conrado Dacax, estudante de audiovisual e membro da frente audiovisual do Ponto de Cultura Acesso Hip Hop. O título da matéria foi extraído de uma fala do entrevistado, que faz referência ao rapper Emicida.

COBERTURA – FIM DE SEMANA NO BOSQUE

No mês de julho, férias da faculdade, decidi não voltar para minha casa em Sorocaba e ficar em Bauru devido ao TCC. No dia 17 deste mês, mais uma vez, estava no Ponto de Cultura, desta vez conversando com Felipe Canela e acompanhando a produção de uns beats. Passaram-se uns minutos e a campainha do Ponto tocou, era Dharlis, MC do Mentos Blindados. Ajudei a colocar as caixas de sons e os aparelhos dentro do Santana do rapper e dali fomos até o bosque do Geisel. O céu estava limpo e o sol aquecia um pouco aquela tarde fria, porém muito agradável. Chegando lá, abri o portão e Dharlis entrou com o carro até o meio do bosque, aonde tiramos toda a aparelhagem e montamos uma mesa de som improvisada. Um problema na extensão, mas nada que um vizinho do bosque, muito prestativo, não pudesse ajudar. Com energia elétrica e a mesa pronta, foi só ligar o MacBook e soltar a batida. O microfone aberto é realizado duas vezes por mês no bosque do Geisel, sempre aos sábados. Fiquei de espectador, conversei com os rappers, como o próprio Dharlis, Dentão, Jal, RapNobre, Bandidos em Harmonia, entre outros. Alguns jovens jogando basquete na quadra ao fundo, música boa tocando, letras críticas e pregando a igualdade. São assim os dias retratados na matéria. O título da matéria, para quem não entendeu a

brincadeira, é uma referência à “Fim de semana no parque” dos Racionais MCs. Foi este o ambiente encontrado, muito receptivo, alegre e divertido. Fui muito bem recebido ao chegar no bosque no meu primeiro dia, talvez por estar junto de membros do Ponto de Cultura? Isso não sei, mas logo comecei a conversar com todos, e até mesmo brincaram comigo quando recusei dar um trago no cigarro de maconha que ali estava rodando: “você faz humanas e não fuma? Como assim?”, brincou um dos presentes. Ou seja, na matéria tentei passar todas estas impressões e sentimentos que vieram a mim durante o tempo que acompanhei o evento, porém, também com um texto noticioso, informando sobre o evento e até mesmo como uma prestação de serviço, por se tratar de uma opção de lazer gratuita envolvendo Hip Hop.

DEPOIMENTO – O HIP HOP SALVOU A MINHA VIDA

Durante a 18ª edição do Fórum do Hip Hop do Interior Paulista, nos dias 25 e 26 de agosto, juntamente com a frente Audiovisual do Ponto de Cultura Acesso Hip Hop, entrevistamos uma série de pessoas entre rappers, grafiteiros, admiradores, estudiosos e articuladores do movimento Hip Hop de várias cidades diferentes. Com a câmera da UNESP posicionada no tripé, luzes acessas, branco batido e silêncio na sala, começamos a entrevista com mais um dos articuladores, Fábio Corvo, isto no dia 25. Logo no começo, o portofelicense nos contou sobre seu envolvimento com o movimento, uma relação de troca e percebemos ali a força do Hip Hop como ferramenta de resgate. As palavras de Corvo emocionaram e foram transcritas na seção Depoimento da Revista H2.

MATÉRIA – REPÓRTER DA PERIFERIA

Esta matéria foi baseada principalmente em pesquisa e documentação, pois trata da história do rap, como ele chegou ao país e a nova cara que os brasileiros deram a este estilo musical. Consultei, principalmente, três trabalhos de conclusão de curso de alunos de jornalismo da própria FAAC, os quais cito na bibliografia deste relatório. Para a produção desta matéria, meu orientador, o professor Cláudio Bertolli, sugeriu que procurasse o professor Célio Losnak. O historiador, até mesmo com artigo publicado sobre o rap, concedeu uma entrevista nos estúdios da TV UNESP no dia 30 de julho, logo após a gravação do programa *Diálogos*, comandado por Mayra Ferreira e que, naquele dia, abordava a história de Bauru, devido à proximidade do aniversário de 116 da cidade. Depois de ler o artigo “Saber

Histórico no Presente: Racionais MC's” presente no livro “O Futuro, continuidade/ruptura: desafios para a comunicação e para a sociedade” fui conversar com o professor. Após a já citada entrevista, Losnak permaneceu nos estúdios por mais alguns minutos e, ali mesmo, em frente às câmeras, o entrevistei. Temas já conversados previamente como o que é Hip Hop, qual o motivo do movimento, o que este movimento busca expressar e como os rappers o fazem foram abordados. Baseado, portanto, nas literaturas prévias, além da entrevista com o professor Célio Losnak e conversar com o coordenador do Ponto de Cultura Acesso Hip Hop Renato Magu, que possui amplo conhecimento do movimento Hip Hop, como suas origens, foi que consegui escrever esta matéria. Mesmo sendo um assunto histórico, portanto mais denso, com vários detalhes, tentei escrever o texto de modo que a leitura fosse agradável e prazerosa.

BAURU – RAP SEM LIMITES

Esta matéria seria um complemento da “Repórter da periferia”, já que, também com um cunho histórico, seu texto aborda o processo de chegada até os dias de hoje do rap e do Hip Hop na cidade de Bauru. A primeira coisa que fiz para a produção desta matéria foi pesquisar e ler sobre o movimento na cidade de Bauru. Consegui bastante material nos trabalhos de conclusão de curso de alunos também da FAAC, citados nas referências aqui deste relatório. Nas conversas com o Renato Magu, também aprendi bastante coisa, desde as dificuldades e os sucessos do movimento na cidade. Com um certo conhecimento, entrevistei dois nomes de peso dentro da história do Hip Hop bauruense: Aubre Idesti, o DJ Ding e Ricardo Dias, o rapper Pica Pau. Este primeiro, entrevistei-o na sede da ONG Periferia Legal, onde ele ministra atualmente oficinas de DJ. Super prestativo, a conversa fluiu muito bem, com o entrevistado me contando sobre sua própria história, que se confunde com a história do próprio movimento. Além disso, ele me sugeriu outros nomes, me passou contatos e até mesmo me deixou fazer uns “scratches”. Para finalizar a matéria, entrevistei Pica Pau, outro rapper que acompanhou o nascimento, crescimento e os altos e baixos do movimento na cidade. A entrevista se deu num sábado a tarde, terminando somente no começo da noite. O local escolhido foi a praça Rui Barbosa, palco importante do Hip Hop na cidade e que reavivou muitas memórias de Pica Pau. Muito simpático, Pica Pau ficou feliz por estarmos pesquisando e documentando a história do Hip Hop bauruense e disse se sentir honrado por participar do projeto. Com uma cerveja na mão, foi nos contando sobre sua vida, sobre as

dificuldades do início do movimento, suas apresentações, além de se lembrar do nome de muitos daqueles que começaram e deram o pontapé inicial, vamos dizer assim, no movimento. Portanto, com o conteúdo das pesquisas e TCCs, mais as entrevistas e fundamentado nas conversas anteriores com Renato Magu, escrevi esta matéria, buscando retratar de forma resumida e atraente ao leitor a história, as dificuldades, alguns dos principais nomes e o atual momento do Hip Hop bauruense.

OPINIÃO – O PRECONCEITO

Colhi os depoimentos nesta matéria em uma das idas ao Bosque do Geisel para acompanhar o projeto Ensaio, o microfone aberto. Conversando com Dharlis sobre o começo do Hip Hop na cidade, já que ele é um dos precursores do movimento em Bauru, o MC me contou que, até hoje, olham com desconfiança para ele, somente pelo estilo, pelas roupas e pelas tatuagens. “E este pré-julgamento ainda existe”, ele me contou. Á partir daí vi surgir uma pauta para a revista, a opinião de pessoas de dentro do movimento sobre este preconceito. Entrevistei, portanto, o próprio Dharlis e seu companheiro do Mentos Blindados, Amauri Damasceno Jr., o MC Dentão. A conversa fluiu bem e, pude notar como Dharlis ama o Hip Hop, quando ele falou talvez a mais bela das declarações colhidas durante a produção desta revista: “Hip Hop pra mim é tudo, mano. Se acordo triste, ouço Hip Hop. Se eu to num dia de fúria, antes de partir pro trampo, pra conseguir aquela energia a mais, eu ouço Hip Hop. Se eu to apaixonado, eu ouço Hip Hop. Se eu quero dançar, eu danço Hip Hop. Se eu quero me expressar, eu me expresso através do Hip Hop”. Por isso, a identificação de Dharlis e MC Dentão com o movimento é algo notável, vejo eu, e, as dificuldades de ambos mereciam ser retratadas. O texto introdutório foi escrito baseado numa conversa com o Renato Magu, que também problematiza sobre o preconceito sofrido pelo “mano” e, na sequência, os depoimentos dos rappers foram transcritos.

INTERNET – VOCÊ PODE!

Esta matéria foi criada pensando em uma prestação de serviços da revista para os leitores. Como os membros do movimento Hip Hop estão inseridos dentro da internet, pensamos nesta matéria, como uma forma de ajudar a potencializar e maximizar o uso da internet para os músicos, neste caso. Esta pauta começou a ser desenvolvida durante o Fórum

de Hip Hop do Interior Paulista, quando, após uma oficina sobre a utilização de redes sociais pelo jornalista Gabriel Ruiz, membro da rede Fora do Eixo, conversei com alguns participantes que se viram na obrigação de criar um perfil no Facebook que seja, porque, nos dias de hoje, estar inserido em redes virtuais tornou-se algo necessário para divulgação do seu trabalho. Pesquisando então sobre redes sociais, cheguei ao nome de Denis Warren. Ele é um guitarrista brasileiro que mora na Inglaterra e foi finalista do “Guitar Idol”, uma espécie de “Ídolos” para guitarristas, que teve a final disputada no estádio de Wembley. Denis possui um site e vários conteúdos publicados sobre a utilização correta da internet pelos músicos como ferramenta de divulgação e manutenção de contato com o público. Troquei vários e-mails com Denis, que prontamente respondia a cada um deles. Muito prestativo, ele foi a principal fonte desta matéria. Às dicas de Denis, meu trabalho foi acrescentar algumas sugestões. Ainda para esta matéria, utilizei-me da entrevista feita com o gestor de projetos na Prefeitura de Bauru Chico Maia, realizada durante o Fórum de Hip Hop do Interior Paulista. Chico nos falou sobre os vários mecanismos de empresas e de governo, via incentivo fiscal, os quais grupos ou artistas podem acessar recursos para fortalecer seus trabalhos culturais. E, é na internet onde esta pesquisa por editais abertos deve ser feita. Por e-mail, Chico Maia me passou a lista destes portais, que entraram complementando esta matéria sobre maneiras corretas de se utilizar a internet.

ANÁLISE – HIP HOP E A MÍDIA: RESISTÊNCIA RECÍPROCA

Esta talvez seja a matéria mais analítica da revista. Desde o início do projeto da Revista H2, pensamos em maneiras de abordar e analisar a relação existente entre membros do movimento Hip Hop com a mídia tradicional. Partimos do pressuposto que esta grande mídia não dá o merecido espaço ao Hip Hop e, comprovamos este pensamento durante a entrevista com a jornalista do caderno de cultura do maior jornal da cidade, Mariana Cerigatto, no dia 16 de agosto na cantina da Universidade do Sagrado Coração, instituição de ensino a qual Mariana cursou. Era uma noite de quinta-feira muito agradável. Ficamos por lá conversando por mais de uma hora. Vários assuntos foram abordados, desde o Hip Hop em si, a relação com a mídia, os problemas do jornalismo nos dias de hoje e várias outros temas que Mariana pediu para que não fossem relatados. No improviso, equilibramos a câmera sobre alguns porta-guardanapos e, utilizando a própria luz do ambiente, gravamos ali mesmo a entrevista com a jornalista. Saímos da USC com a certeza que existem falhas na área do

jornalismo cultural e que a revista especializada seria a nossa tentativa de divulgar e noticiar o Hip Hop na cidade, principalmente para o próprio movimento, que depende muitas vezes, exclusivamente, das redes sociais para se informar. Outra fonte importante desta matéria é o professor e coordenador do curso de jornalismo da FAAC, Juarez Xavier. Entrevistamos o professor também durante o Fórum de Hip Hop do Interior Paulista, porém, dias antes, na própria sala do professor no Departamento de Comunicação Social no campus da UNESP conversamos por horas sobre esta relação entre o movimento e a mídia. Deste modo, no dia do fórum, a entrevista decorreu sem problemas, de forma animada, descontraída e muito produtiva. Outras fontes também foram entrevistadas durante o Fórum, como Gabriel Ruiz, da rede Fora do Eixo e o rapper Rodrigo Caetano Faustino, o D’Bronx, que falaram sobre a importância de se estar conectado. Gabriel, primeiramente, deu sua opinião sobre o antigo conflito entre mídia e Racionais MCs que, segundo ele, influenciou toda uma geração de rappers a evitarem contato com a mídia. Porém, já superado o conflito, é hora dos membros do Hip Hop conquistarem seu espaço e se manterem ativos na mídia. D’Bronx também concorda, afirmando que, se a oportunidade for dada, o músico deve agarrá-la. Sabendo que a grande mídia abrange muitas pessoas, o rapper também afirmou que não deve depender exclusivamente dela e ele deve criar alternativas, como canais próprios de comunicação. Todas estas entrevistas realizadas no Fórum foram muito agradáveis, já que o diálogo fluiu e os entrevistados foram sempre muito prestativos e atenciosos. Ainda para esta matéria, mais duas entrevistas foram realizadas, estas por e-mail. A primeira foi com Letícia Abreu, blogueira na cidade de Bauru. No seu blog, o “Bauru também é rap”, ela trata do Hip Hop na cidade, informando sobre shows, postando coberturas e emitindo comentários. Por Facebook e por email, a universitária gostou do tema da revista e topou em responder várias perguntas, sendo muito prestativa e atenciosa. A última fonte foi Cristiane Oliveira. Militante do movimento Hip Hop e jornalista da revista Rap Nacional, ela estava escalada para ministrar uma palestra no Fórum de Hip Hop do Interior Paulista. Porém, ela não compareceu devido a problemas na organização. Desse modo, achei o perfil dela no Facebook e então trocamos e-mails. Como jornalista que escreve de dentro do movimento Hip Hop para o próprio movimento, perguntei a ela sobre várias questões além desta relação da mídia com o Hip Hop. Ocupada, precisei fazer algumas cobranças por e-mail, mas valeu a pena, já que o conteúdo enviado por Cristiane, assim como as opiniões da jornalista foram fundamentais para a construção desta matéria. Além de todo este conteúdo, foi necessário um embasamento teórico, adquirido com a leitura de alguns artigos publicados sobre esta relação, como o de Mariana Santos de Assis e o de Tatiana Verônica Bezerra Galvão. Procurei me isentar de

qualquer juízo de valores ou posicionamento, deixando isto a cargo dos entrevistados. Matéria recheada de opiniões e pontos de vista, porém, busquei a imparcialidade tanto em minhas análises como no aprofundamento no assunto. Busquei ainda organizar o texto de forma a tornar a leitura agradável.

TROCANDO IDEIA – BOLETIM DE OCORRÊNCIA

Quem melhor para analisar a relação entre o Hip Hop e a mídia do que um rapper inserido dentro da mídia? Com este pensamento, definimos que seria fundamental uma entrevista com Max. B.O. para a nossa revista. Para chegar até o apresentador do Manos e Minas, liguei na TV Cultura e consegui o e-mail da Carolina Afonso, assistente de produção do programa. Por e-mail, expliquei a ideia do nosso trabalho e perguntei sobre a possibilidade de entrevista com o Max B.O.. Carolina me respondeu informando que as perguntas deveriam ser encaminhadas por e-mail mesmo e que ele me responderia. E assim o fiz. Realmente queria que fosse feita presencialmente, porém, por ter uma agenda repleta, o rapper preferiu por e-mail mesmo, Carolina me informou. A assistente de produção ainda me ajudou com informações sobre o programa televisivo e me enviou fotos dos bastidores do programa, todas utilizadas na revista. Com respostas curtas, Max B.O. respondeu meu e-mail e, deste modo, quatro páginas da revista foram destinadas a entrevista. Imaginava dar grande destaque a esta entrevista, sendo a capa da revista, porém, realmente o conteúdo não ficou do jeito que esperava. A entrevista foi transcrita no formato pingue-pongue, com uma introdução escrita baseada em pesquisa sobre o programa, informações conseguidas com a Carolina Afonso e no próprio site do programa, no portal C+, da TV Cultura.

POESIA DE RUA

O 18º Fórum de Hip Hop do Interior Paulista foi um momento importante para o nosso trabalho. Foi lá, participando de debates, assistindo a palestras e conversando com o pessoal que me senti verdadeiramente inserida em um universo que até pouco tempo era novo e desconhecido para mim. Um encontro único. Um espaço de formação e informação, onde os articuladores do movimento se encontram para trocar experiências, buscar formas de inovar, criar métodos de organização e levar o Hip Hop para além dos palcos. Muitas pessoas vieram

de fora de Bauru, viajaram horas para estarem ali, juntas, todas com um único propósito: discutir, promover e, principalmente, fazer acontecer o Hip Hop.

O evento nos rendeu bons frutos. Realizamos uma série de entrevistas com o pessoal do movimento, pudemos fotografar, participar de palestras e discussões. O encontro enriqueceu nosso material. Foi também no evento que conheci o grafiteiro Celso Oliveira, que mais tarde seria o personagem da matéria “Poesia de rua”.

Perguntei se ele topava nos conceder uma entrevista, e ele aceitou. Rapaz alto, quieto e meio sem jeito diante das câmeras, Celso contou sua trajetória no Hip Hop, e como aconteceu seu primeiro contato com o grafite; falou sobre a relação do grafite com a pichação, de onde tira inspiração e como é a sensação de pintar nas ruas.

Nosso segundo encontro aconteceu no Festival Canja, que aconteceu de 27/08 a 02/09. Estavam presentes muitos grafiteiros. Pintando o mural, estavam Celso Oliveira (que assina por Comics), Diego (o Galin), Luiz Gustavo Martins (L7) e Sérgio (Comics). Pudemos conversar por algum tempo e vê-los trabalhando por horas. O resultado? Uma obra de arte pintada a quatro mãos.

Além do contato via internet (que acontecia sempre que eu tinha alguma dúvida), a última entrevista com Celso foi em outubro, quando fomos até a praça Rui Barbosa para que ele me mostrasse alguns de seus trabalhos pela cidade. Ele contou histórias de seus trabalhos, mostrou sua opinião diante de casos de pichação, como a que ocorreu no Parque Vitória Régia pouco tempo atrás e até como lida com o preconceito sobre o grafite.

Além de Celso, para fazer a matéria sobre o grafite conversei com Matheus Marques Pinheiro, conhecido por Fino. Proprietário de uma “loja de grafite”, o Instituto Graffiti Shop, onde vende sprays e alguns trabalhos feitos em madeira, Fino é grafiteiro há seis anos e está em contato todos os dias com este tipo de atividade. Entrei em contato através do Facebook (a forma mais fácil de encontrar as pessoas atualmente), depois nos falamos por telefone e, por fim, fui até sua casa para conversarmos.

Minha primeira impressão: estou mesmo na casa de um grafiteiro. O sofá era todo pintado com letras no estilo da arte de rua, assim como a mesa de centro da sala. Comecei perguntando sua opinião em relação à pichação, e a conversa rendeu. Empolgado com o tema, Fino comentou que é a favor da atitude, já que, para ele, “esta é a forma que os pichadores encontram de mostrarem que estão vivos”.

Conversamos, ainda, sobre o movimento Hip Hop, as motivações que o leva a querer pintar na rua e como o grafite se tornou sua principal atividade. No fim da entrevista, assistimos a um trecho bastante interessante de um documentário sobre o grafite, chamado Bomb it. Tirei algumas fotos do entrevistado sentado em seu sofá personalizado e fui embora.

Após as entrevistas, me senti pronta para sentar e escrever. O texto exigiu, além do descrito acima, um trabalho de pesquisa e documentação, e isso inclui documentários (como o Style Wars e Bomb it), revistas de Hip Hop tanto brasileiras quanto estrangeiras, teses, etc., para encontrar informações mais precisas principalmente por conta da parte histórica do grafite citada na matéria.

Na prática, busquei mesclar a história de Celso com a história do grafite, e abordar os principais pontos desta arte com um texto leve e dinâmico. Procurei explorar o número de fotos, já que trata-se de uma arte visual. Optei, também, por falar sobre Os Gêmeos. Grandes nomes do grafite brasileiro, os irmãos fazem sucesso internacional com uma maneira irreverente de fazer arte de rua, que encanta os olhos de qualquer espectador. Para garantir informações mais precisas, procurei pelo site oficial e fiz um pequeno texto sobre sua obra, onde começaram e o que conquistaram ao longo dos anos de trabalho na área.

PICHAÇÃO

Estava conversando com uma amiga, também estudante de jornalismo, Nathália Boni, quando ela comentou comigo sobre o caso da pichação que ocorreu no Parque Vitória Régia, em Bauru, no dia 26 de setembro, três dias após uma revitalização. Eu, que tinha ouvido a opinião dos grafiteiros que entrevistei sobre o assunto, achei que a discussão poderia render um texto interessante.

Como percebi que Nathália tinha algo a dizer sobre o assunto, já que estava inconformada com a ação dos vândalos, convidei-a para escrever uma coluna de opinião na Revista H2. Passei o material que tinha, e ela se encarregou de fazer o texto. O que era para ser um pequeno texto tornou-se uma nova matéria que tomou três páginas. O texto opinativo fala sobre a questão da pichação, quem ela afeta diretamente e questiona se é este o melhor caminho para “mostrar que está vivo”, como falou Fino, uma das intenções dos pichadores.

VILÃ OU MOCINHA? OS DOIS LADOS DA MACONHA

Optamos por desenvolver esta pauta depois de perceber que a maconha é um assunto bastante frequente dentro do movimento Hip Hop. Várias letras de rap falam sobre o tema e não é difícil vermos MCs que defendem sua legalização. Por isso, acreditamos que informações sobre a substância poderiam ser interessantes a este público.

A primeira preocupação foi fazer uma matéria com consultoria médica. Por se tratar de uma droga que pode causar uma série de efeitos colaterais no organismo, a palavra de um médico que explicasse como se dá esse processo seria fundamental. Entrei em contato com assessores e a primeira entrevista foi feita por telefone com o médico Ricardo Caponero, oncologista graduado pela Faculdade de Medicina da USP, que falou sobre alguns mitos e verdades sobre os efeitos da maconha no organismo. Em seguida, foi realizada por e-mail uma entrevista com a psicóloga Regiane Machado. Ela esclareceu algumas dúvidas com relação à “reabilitação” para usuários da droga. Por fim, entrei em contato com a Dra. Marília Castello Branco, psicóloga e escritora, que me passou um material de vídeo interessante a respeito do assunto.

Para dar continuidade, busquei me informar sobre a maconha em diferentes veículos de comunicação. Li uma grande reportagem feita pela revista Superinteressante, e outra pela Popular Science Brasil; assisti ao TV Uol, que recebeu a presença do médico Dartiu Xavier, que esclareceu dúvidas de telespectadores relacionadas ao tema; procurei pesquisas, depoimentos e opiniões para que a matéria não tivesse informações equivocadas.

Por fim, optei por não trazer a questão da legalização como ponto central da reportagem. Fiz um texto informativo, falando sobre pontos “positivos” e “negativos” da maconha para que, partindo destes argumentos, o leitor possa formar sua própria opinião.

VIVENDO NAS BATIDAS DO RAP

Entre os quatro elementos do Hip Hop, meus favoritos são o grafite e o breaking. Por isso, quando nos reunimos para dividir as pautas, optei por escrever essas duas matérias. O breaking é uma forma de arte que exige muito do b-boy: além de dedicação, treino e disciplina, a criatividade não pode faltar. Por isso, para mim, a dança é tão cativante.

Para a realização dessa matéria, conversei com Luis Enrique, o Major, professor de breaking na ONG Periferia Legal. O João Paulo conversou com ele pessoalmente, então continuei a entrevista por internet. Muito prestativo, ele respondeu às perguntas rapidamente. A conversa foi enriquecedora. A dança faz parte de sua vida, é hoje sua profissão. Além de ministrar aulas, ele participa de campeonatos e até já viajou para fora do país para mostrar aquilo que faz de melhor.

O professor faz questão de falar da importância social de seu trabalho na periferia. Assim como foi com ele, Luis Enrique acredita que a dança ainda vai mudar a vida de muitas pessoas. “Acredito muito na transformação social através da arte e da cultura”, afirma. Em seu facebook, uma bela foto ilustrava o perfil pessoal. Perguntei se poderia usá-la em nossa revista. Ele aceitou prontamente, parece que gostou da ideia.

Além da entrevista, a pesquisa sobre o tema foi fundamental. A dança vem da influência de várias outras, então é difícil apontar o responsável pela criação, ou quando exatamente ela foi criada. Pesquisei em artigos, sites, vídeos e assisti a um documentário, o Planet B-boy.

PROFISSÃO DJ

Essa pauta foi escolhida quando optamos por incluir na publicação uma matéria sobre os DJs. Para que fosse um tema atraente, e não só uma explicação sobre a atividade, buscamos falar além do dia a dia desses profissionais, mas também sobre a profissão, há quanto tempo foi regulamentada e as mudanças, na prática, para os que realizam a atividade.

Para esta matéria, conversei com os DJs Ding e Felipe Canela, ambos da cidade de Bauru. Perguntei sobre a profissão, o que eles achavam sobre as mudanças com relação à regulamentação da profissão, e ainda sobre a questão dos “DJs celebridade”, assunto aparentemente polêmico.

Citei ainda um caso que repercutiu na internet, sobre o Deadmou5, DJ canadense que afirmou que todos os DJs tocam sets pré-mixados. O caso foi polêmico pois muitos acreditam que o verdadeiro profissional mixa suas músicas ao vivo.

4 PROJETO GRÁFICO

Segundo Silva, "o próprio termo discurso gráfico vem significar o conjunto de elementos visuais de um jornal, livro, revista, cartaz ou tudo que seja impresso" e "é na diagramação onde vai se encontrar todo o segredo do discurso gráfico, em que a tipologia mínima contida harmonicamente e padronizada, alia-se ao ritmo dado às mensagens" (1985, pg. 13).

Ou seja, uma revista não é composta somente pelo texto, o projeto gráfico é de fundamental importância, não só para causar uma boa impressão ao leitor, seduzindo-o, se destacando no meio de tantas outras publicações, mas atua também como um complemento ao texto, informando também. "A imagem complementa o texto" (VILAS BOAS, 1996, pg. 35). Além disso, um projeto gráfico bem elaborado deve organizar o conteúdo da publicação de modo que o leitor não se canse de determinada matéria e da revista. Mais do que estética, a diagramação contribui e muito para o sucesso da publicação. Silva explica: "conteúdo e forma devem caminhar juntas, onde a peça arquitetônica final deve traduzir exatamente a consciência do seu valor informacional e estético" (1985, pg. 40).

Não são somente as palavras que trazem consigo informações ao leitor:

nas revistas, jornais e páginas da internet, as ilustrações, as fotos, a tipografia, as molduras, os filetes, as caixas e os boxes são elementos repletos de informação. A cor participa com a mesma intensidade tanto no mundo impresso e digital quanto na imagem televisual (GUIMARÃES, 2003, pg. 141)

O diagramador deve ter consciência, portanto, que a composição gráfica contribui para organizar e, deste modo, acrescenta valores às informações do texto. Antônio Celso Collaro escreve que, além de conseguir a atenção, um projeto gráfico de qualidade deve direcionar a leitura, tornando a atividade prazerosa. "Design em revista é comunicação, é informação, é arma para tornar a revista e as reportagens mais atrativas, mais fáceis de ler" (SCALZO, 2006, pg. 67). E, foi desse modo é que pensamos no projeto gráfico da revista H2, pensando desde a primeira leitura feita pelo leitor, a comunicação não-verbal, como escreve Guimarães, até mesmo na divisão do texto em harmonia com a diagramação e com as cores, para que o leitor não se canse durante a leitura e que seja seduzido e apto a ler a matéria e a revista em sua totalidade.

Scalzo escreve que “cada revista tem sua “voz” própria, expressa na pauta, na linguagem e em seu projeto gráfico” (2006, p. 66). Pensando nisto que, cada texto foi feito pensado como parte de um todo e, assim também se deu com a diagramação e com o projeto gráfico, pensando em uma unidade. A diagramação deve preservar a individualidade do meio de comunicação, ou seja “fazê-lo reconhecido pelo consumidor mesmo quando este não lê o título” (LAGE, 2006). Por isso que, alguns elementos se repetem na revista, dando a ela estilo próprio. Desde fontes até rodapés, um estilo próprio foi desenvolvido para a publicação e preservado em cada uma das páginas, dando “cara” a revista H2.

É preciso respeitar o hábito visual do leitor, acostumado a encontrar sempre na mesma página e no mesmo lugar, o mesmo assunto ou tipo de informação. Assim, manter essa tradição e orientação, deve ser uma das obrigações fundamentais do diagramador (LUKA BRAJNOVIC apud Silva, 1985)

Para isto, nota-se na revista a repetição dos caracteres tipográficos para o texto, título, aberturas, legendas, olhos, etc.; dos logotipos e selos das seções especializadas; da definição das margens; do uso de fios e vinhetas; de ilustrações, como fotos e desenhos; dos boxes e quadros; da distribuição dos anúncios de publicidade; do uso das cores e de sua combinação; e das ligações foto-texto, texto-título, título-foto, elementos repetidos estes propostos por Silva (1985).

Todos estes elementos foram dispostos nas páginas da revista de maneira assimétrica, quando a diagramação pode fugir das limitações da simetria, ou seja,

o diagramador tem a liberdade de criação, podendo para isso deslocar os elementos gráficos tradicionalmente utilizados juntos (títulos-texto-ilustração), e dispô-los de outra forma gráfica, provocando no leitor maior interesse na leitura e dando à página maior leveza e realce estético (SILVA, 1985, pg. 51)

Isto, devido a comunicação pré-verbal que, segundo Guimarães (2003) é a primeira leitura que se tem da revista. Então, para seduzir o leitor, em cada página e, principalmente na capa, pensamos em um projeto gráfico que, ao mesmo tempo, privilegiasse a leitura, trazendo o texto de uma forma clara e leve ao leitor, além de ser chamativo, colorido e com muitas formas, numa tentativa de chamar e prender a atenção do leitor. As cores e as formas se destacam e chamam a atenção do leitor antes do texto, segundo Guimarães (2003), por isso optamos pela utilização de muitas fotos, recorrendo até mesmo a fotógrafos profissionais, que colaboraram com o projeto, cedendo suas imagens, além de fotos tiradas por nós mesmos e imagens da internet.

Se considerarmos que uma capa de jornal ou de revista é inicialmente vista, muitas vezes, a uma distância maior do que quando está nas mãos do leitor – portanto, desfavorável à “leitura” dos detalhes das formas ilustrativas e dos textos –, as cores irão informar, em primeira mão, qual é a notícia principal da edição. Não só a natureza informativa do jornal ou da revista é favorecida, como a sua natureza mercadológica: a atenção do leitor foi conquistada (GUIMARÃES, 2003, pg. 37)

A decodificação de uma página impressa, portanto, se dá em dois momentos. Primeiro momento é quando o leitor observa a massa gráfica em conjunto, distinguindo as subáreas, isto é, identificando as ilustrações, os títulos, os intertítulos, os brancos, os gráficos, o texto etc. e a segunda, é ao se deter nos detalhes destas subáreas. Por isso, é necessário que o diagramador juntamente com o jornalista, ao planejar a publicação, no nosso caso a revista, e tomamos certamente este cuidado, considere este dois momentos de leitura observados no leitor comum, que é atraído primeiramente pelos elementos visuais empregados na página impressa.

Coelho (1987) faz um alerta ainda quanto às diferenças entre legibilidade e visibilidade dos tipos. A visibilidade para o leitor seria somente a percepção dos tipos em distâncias relativamente longas, já a legibilidade é a preocupação com a possibilidade de leitura do texto impresso pelo método de rapidez de leitura, piscadelas involuntárias e do movimento dos olhos.

Atentar-se a todos estes detalhes é uma arte segundo Celso Kelly, que aponta a importância das artes gráficas e plásticas, que se põem a serviço de atração e até mesmo de sugestão, em complemento da palavra: “a arte gráfica começa pela diagramação; desdobra-se na escolha dos tipos; complementa-se na confecção das manchetes. Estabelecem-se as relações do gráfico com o assunto” (KELLY, 1972, pg. 168). Ainda segundo o mesmo autor, ilustrações, fotos, caricaturas e até mesmo anúncios enxertam-se em meio aos textos, aquecendo-os antes da leitura e também quebram a monotonia das palavras, imprimindo certo movimento à publicação.

Ou seja, embora seja imprescindível o aprimoramento do texto, não se deve desprezar o valor da parte gráfica como instrumento de persuasão na leitura, além de facilitador. No jornalismo impresso, ao mesmo tempo em que o texto transmite uma série de informações semânticas ao leitor por meio de signos, também há a presença de uma carga informacional causada pela arte visual, por meio de símbolos gráficos, fotos, cores e etc. que atuam na sensibilidade do receptor.

Com a arte da palavra, coexiste no jornalismo impresso a arte gráfica. O jornal é antes de tudo, alguma coisa que se vê: do todo se parte para os grandes títulos e para as ilustrações. Importantíssima a paginação. Desce-se, depois, ao texto (SILVA, 1985, pg. 28)

Por isso, é de suma importância a clareza. Não só o texto pode causar ambiguidades e gerar dúvidas no leitor, como a diagramação também:

enquanto numa comunicação visual a mensagem pode ser interpretada livremente pelo receptor, numa comunicação intencional o receptor deve captar a mensagem no exato significado que lhe atribui o emissor. Para que isso ocorra sistematicamente é necessário ter em conta o processo de produção da comunicação visual (SILVA, 1985, pg. 26)

Guimarães também escreveu sobre o assunto:

corre-se o risco de atribuir subliminaridade àquela informação que é evidente ou foi criada para ser evidente, que usa recursos como funções de imagens, formas, letras e cores que, combinadas se referem diretamente a outra figura, cores que remetem a algo que acrescenta valor à imagem etc. (GUIMARÃES, 2003, pg. 52)

Portanto, diagramador e jornalista devem trabalhar juntos, para que o produto final fique claro para o leitor e que a informação seja passada da melhor maneira possível. E foi assim o processo de criação da revista H2, textos e seus respectivos projetos gráficos trabalhados em conjunto, buscando sempre a harmonia e clareza na hora de transmitir informações.

Buscando, portanto, valorizar estas informações passadas ao leitor, apostamos em um projeto gráfico bem limpo, com muitos espaços em branco que, segundo Silva (1985) devido a sua leveza, valoriza a mensagem. Além desta valorização estética, o estilo de diagramação empregado reforça a legibilidade do texto, pois desde os espaços em brancos foram pensados, assim como a forma das letras, a cor anterior a das letras, o corpo e o tamanho usados, o comprimento das linhas, o entrelinhamento, espaçamento e margens.

As margens foram pensadas juntamente com os espaços em brancos e espaços entre colunas que, como escreveu Silva, é objeto de estudo há muito tempo, como um comitê britânico em 1912, que concluiu que “as margens razoavelmente largas são consideradas importantes para a aparência estética e para a legibilidade, e o espaço em branco entre as colunas é preferido em substituição às linhas (fios) separando as colunas” (1985, pg. 34).

Ainda segundo Silva, é ideal que se mantenha a proporção de branco e preto em 50%, sendo conhecido como a “regra dos 50%”, ou seja, o espaço preenchido por textos e imagens deve ser a metade do espaço ocupado em uma página, deixando a outra metade para o branco, ou seja, o fundo da página, o background.

Para a realização do projeto gráfico da Revista H2, buscamos usar e valorizar a utilização de fotos, contando, até mesmo, com fotos cedidas por fotógrafos profissionais. Para isso, estudos foram necessários na parte de planejamento gráfico, já que, “dominar um pouco a linguagem visual é fundamental”, afirma Scalzo (2006, pg. 58-59). Desse modo, sempre buscamos uma forma eficiente de diagramar as notícias trazendo texto e as imagens em harmonia, sejam fotos que por si só representam algo ou aquelas que complementam o texto ou vice-versa. As fotos nas revistas

[...] além de embelezarem plasticamente, muitas vezes, devido às suas características imagéticas, carregam toda a carga emocional e informativa de uma ação ou de um fato qualquer, dispensando outro tipo de informação complementar, seja ele através de um texto, título ou legenda. (SCALZO, 2006, pg. 120)

E a teórica completa,

O fato é que a fotografia e a revista parecem ter nascido uma para a outra. Desde que foi lançada a primeira revista ilustrada, elas nunca mais se separaram. Tanto pela qualidade do papel quanto da impressão, as revistas sempre puderam, e souberam, valorizar a fotografia. (SCALZO, 1985, p.71).

Pensando, ainda, em informar aliado com a beleza, também utilizamos uma fotografia na capa. A imagem do punho cerrado ao alto carrega muito simbolismo, neste caso, remete aos lutadores do movimento “black power” (poder negro), protagonizado pelos Panteras Negras. Ainda hoje utilizado por muitos músicos e desportistas, a imagem por si só mostra que somos contra qualquer tipo de preconceito, assim como o movimento Hip Hop e lutamos pela igualdade. Além disso, as chamadas e a padronização gráfica atuam como recursos persuasivos, além da foto, servindo para chamar a atenção do leitor e fazer com que ele identifique imediatamente a revista no meio de tantas outras publicações.

Além da capa, cada seção e cada matéria tiveram atenção especial e cada detalhe considerado, desde o alinhamento do texto, o espaçamento entre colunas e o cuidado com a mistura de cores. Utilizamos fontes simples em todo o corpo de texto, legendas e títulos. Para os títulos, utilizamos uma fonte diferenciada, grande, simples e limpa, dando bastante

destaque, assim como nas aberturas das matérias. Um recurso bastante utilizado durante toda a publicação foi a sobreposição do texto em cima de fotos e fundos com cores contrastantes, como uma forma de complemento e ilustração da matéria ao mesmo tempo. No *Perfil*, por exemplo, este foi um recurso utilizado, assim como em várias outras matérias, como na seção *Trocando Ideia*. No *Perfil*, buscamos sempre um contraste de cores na sobreposição das imagens com texto, para não afetar legibilidade da revista. Além disso, recursos como boxes e legendas também foram utilizados, além de olho e alteração no padrão da colunagem, possibilitado pela maneira assimétrica de diagramação adotada em nosso projeto gráfico. A diversidade dos recursos aliado às boas fotos somente faz com que a leitura se torne mais agradável.

Na seção *Cobertura* se vê mais uma vez o texto sobre imagem, colunas com tamanhos diferentes, fotos e legendas. Todos estes recursos foram pensados para uma leitura mais dinâmica, sem cansar o leitor, apesar de grandes blocos de texto.

Já em *Depoimento*, utilizamos uma página única, com uma foto cobrindo toda a página e todos outros elementos se sobrepondo, como vinheta, rodapé, título, texto e uma caixa transparente para facilitar a leitura. A foto do entrevistado e responsável pelo depoimento em questão se destaca e é fundamental, já que complementa o texto neste caso.

Nas matérias com um cunho histórico, com *Repórter da Periferia*, foram utilizadas imagens da internet, devidamente creditadas, de forma a ilustrar o texto, ou seja, um complemento. Boxes e uma colunagem diferenciada também atuam como forma de chamar a atenção do leitor, tornando a leitura menos cansativa. Como o texto é bem extenso, o conteúdo foi dividido em blocos, todos com subtítulos e blocos os diferenciando para que o leitor não se perca durante a leitura nem se canse.

O mesmo estilo gráfico, com muitas fotos, ilustrações e boxes, foi empregado em *Bauru Sem Limites*, matéria que busca a valorização das fontes e personagens por meio destes recursos, além de mostrar ao leitor os responsáveis pelas opiniões e depoimentos. Mesmo com bastante texto e imagens, buscamos deixar as páginas desta matéria mais leves possíveis, respeitando a regra dos 50%, já que a leveza do espaço em branco valoriza o conteúdo da mensagem.

Na seção *Opinião*, sobre o preconceito, assim como no depoimento, as imagens ilustram a opinião escrita em texto, sendo fundamental para a matéria, para dar

verossimilhança ao conteúdo, além da página de abertura com, novamente, recurso do texto sendo colocado sobre a imagem, visando uma página bonita e agradável.

Nas matérias mais específicas, como *Internet* e a *Matéria Especial* sobre maconha, buscamos diagramações totalmente exclusivas, mantendo, é claro padrões da revista como fonte e rodapé, mas que criasse um espaço especial dedicado a estas matérias específicas. No caso da *Você Pode* as cores foram pensadas para fazer referência à internet, além das imagens dos artistas famosos para ilustrar o que o texto estava dizendo. Os boxes buscam organizar as informações, de modo a facilitar a leitura. As faixas no topo e na parte de baixo da página mostram ao leitor, mesmo antes de ele ler qualquer palavra, que aquelas páginas fazem parte de um todo, ou seja, da matéria da *Internet*.

Já a outra matéria com diagramação especial, a *Vilã ou Mocinha?* conta com os mesmos recursos da anterior e, nas duas primeiras páginas, busca dar uma ideia dos dois lados, como está escrito em um subtítulo da matéria, por meio das escolhas das cores, o verde e o branco. As faixas verticais nos cantos das páginas com ilustrações de *Cannabis sativa*, a folha da maconha, gera o mesmo efeito explicado anteriormente, de mostrar que aquela página em questão faz parte de um conteúdo maior. O texto sobreposto a estas colunas é uma busca de um layout moderno, além de organizar o texto, facilitando sua leitura.

Já em *Análise*, a diagramação mantém o padrão limpo da revista, e as fotos e ilustrações complementam o texto. Nas primeiras páginas as capas de jornais e, na terceira página, os logos das grandes empresas televisivas do país mostram que o assunto abordado nestas páginas é a grande mídia. Além disso, fotos de especialistas que opinaram e deram depoimentos para a matéria também ilustram as páginas. A foto que fecha a matéria, do rapper D’Bronx atua, ainda, como uma separação, já que após ela vem, no cato direito da página, uma espécie de box com algumas informações e sugestões a mais para o leitor.

Em *Trocando Ideia*, o conteúdo textual não foi o desejado pela dupla, então, a diagramação se incumbiu de valorizar toda a matéria, dando destaque à fotos do entrevistado, Max B.O., e do programa o qual ele comanda, o *Manos e Minas* da *TV Cultura*. Apesar das cores, o uso de faixas pretas e diagramação limpa dão um ar de seriedade à matéria, ou seja, a entrevista trás informações importantes ao leitor, não algo pessoal, fútil e banal a respeito do entrevistado.

As matérias que abordam o grafite e o breaking, apesar de ser uma tarefa difícil, as imagens buscam exemplificar um pouco do que está retratado por meio das palavras do texto. Destaque para a galeria de fotos de grafites e das poses dos b-boys. É dado também destaque aos depoimentos em ambas as matérias e seus autores, com fotos ilustrativas também.

5 CONSIDERAÇÕES

Durante a realização de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, assumimos o desafio de unir a prática e a teoria do jornalismo em apenas um produto. A produção de uma revista temática exigiu muita dedicação, empenho e, principalmente, muita pesquisa, já que trata-se de um tema amplo e diverso: o Hip Hop. Nosso maior desafio foi explorar um assunto com muitas nuances, que divide opiniões. A falta de livros especializados também foi um obstáculo que dificultou nossa pesquisa. São escassas as publicações que trazem teoria e quaisquer outras informações que poderíamos usar para embasar a produção de matérias e a elaboração de nosso projeto.

Desde as etapas iniciais, como a escolha do tema e o início de nosso estudo, até os momentos finais, como a concepção deste relatório, nos reunimos com uma série de pesquisadores, professores, articuladores do movimento Hip Hop, tudo para conhecer e explorar da melhor forma um universo ainda novo para nós. A linguagem, com a qual também não tínhamos muita intimidade, demandou cuidado, já que deveria ficar condizente com o produto que idealizamos.

Com a realização do projeto tivemos, também, muitas descobertas. Se, a princípio, condenávamos a mídia por não dar a importância que acreditávamos ser necessária e imprescindível a esta manifestação cultural, descobrimos, por outro lado, uma forma diferente de se comunicar, estabelecida pelos próprios articuladores do Hip Hop: a comunicação “interna” deste grupo, ou seja, a informação feita de dentro do movimento e para o movimento. Descobrimos uma comunidade organizada, que realiza fóruns de discussão, troca experiências, organiza eventos e “faz acontecer” com suas próprias mãos.

A realização deste projeto é, para nós, a visibilidade de que sentimos falta para uma questão tão presente para muitos cidadãos de Bauru. Fomos bem recebidos, afinal, nossas intenções eram boas, e toda ajuda é bem vinda. O jornalista é um profissional que não depende apenas de si para viabilizar o produto: somos dependentes de nossas fontes e de nossos leitores. Além disso, nem só de textos e ideias se faz uma revista: é preciso colocar a mão na massa. Tomando como experiência os meses de dedicação a nosso estudo, podemos dizer que nossas fontes estiveram abertas a nos receber, esclarecer, ensinar. Foi primordial a organização, um cronograma bem definido e objetivos bem traçados para que pudéssemos tirar a Revista H2 do plano das ideias.

Deixando de lado as dificuldades, acreditamos que a Revista H2 foi, para nós, uma experiência muito enriquecedora, já que exercitamos pontos importantes para nossa formação. Lidar com prazos, dificuldades e com um tema totalmente novo nos proporcionou grande evolução, tanto profissional quanto pessoal. Aprendemos a importância do trabalho em equipe, da organização, de um cronograma bem definido e da disciplina para cumprir prazos; aprendemos a ceder (e também a convencer se necessário). Pudemos realizar a prática da entrevista, a escolha de pautas, apuração e elaboração de matérias com temas dinâmicos e interessantes, além de desenvolver a questão visual, pouco explorada na faculdade de jornalismo. Colocamos em prática não só aquilo que vimos em sala de aula, mas também o lado profissional do jornalismo, ainda desconhecido quando estamos na universidade. Realizamos as matérias, as fotos, a diagramação, a escolha cuidadosa de cada cor e cada imagem que comporia nosso produto. Procuramos elaborar uma revista atrativa, de qualidade e que ficasse com a cara que imaginamos para ela. Este projeto experimental significou, para nós, mais do que um trabalho para obtenção do diploma: foi um desafio, do qual saímos enriquecidos. O melhor de tudo? A sensação de dever cumprido.

6 REFERÊNCIAS

- ASSIS, Mariana Santos de. **Dando voz ao povo? A manipulação da mídia no rap paulistano**. In: Língua, literatura e ensino, Vol. IV, maio de 2009
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007
- BUZO, Alessandro. **Hip-hop: dentro do movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1997.
- COELHO SOBRINHO, J. **Legibilidade e visibilidade na comunicação impressa – análise tipológica de jornais diários de São Paulo**. São Paulo: IPCJE, 1987
- COLLARO, Antônio Celso. **Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação**. São Paulo: Summus, 2006
- CEREZETTI, Gustavo. **Racionais MC's - Pra quem é de lá**. Em: E-colab – Cobertura colaborativa de Bauru, 16 de maio de 2012. Disponível em < <http://e-colab.blogspot.com.br/2012/05/racionais-mcs-pra-quem-e-de-la.html>>. Acesso em 29 de outubro de 2012
- DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990
- FADUL, Anamaria. **Indústria cultural e comunicação de massa**. São Paulo: FDE, 1994
- FUSCHER, Igor (Org.). **A arte da reportagem**. São Paulo: Scritta, 1996
- GALVÃO, T.V.B. **Hip hop e mídia: negociando interesses e ampliando conceitos**. In: 1º Congresso de Estudantes de Pós-graduação em comunicação do Rio de Janeiro. 22, 23 e 24 de novembro de 2006, Rio de Janeiro, UFRJ
- GORCZEWSKI, Deisimer. **O hip-hop e mídia no cenário urbano**. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2 a 6 de setembro de 2003, Belo Horizonte

_____. **O hip-hop e a (In)visibilidade no cenário midiático.** Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. UNISINOS, São Leopoldo, 2002

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores.** São Paulo: Annablume, 2000

_____. **As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo.** São Paulo: Annablume, 2003.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **A política do hip hop nas favelas brasileiras.** Disponível em <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-politica-do-hip-hop-nas-favelas-brasileiras/>. Acesso em 28 de agosto de 2012.

KELLY, Celso Otávio do Prado. **Arte e comunicação.** Rio de Janeiro: Agir, 1972

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo: Ática, 1995

KUCINSKY, Bernardo. **Jornalismo na era virtual.** São Paulo: Perseu Abramo/UNESP, 2005

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul.** São Paulo: EDUSP. 2001

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística.** São Paulo: Ática, 2006

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2008

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002

LOURENÇO, M.L. **Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos.** Tese (mestrado em psicologia social) – Universidade de São Paulo, 2002

MOREIRA, Thiago José. **Ruas: Projeto de revista especializada no hip hop bauruense.** Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação Social – habilitação em jornalismo) – Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, Bauru, 2002

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto a venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial.** São Paulo: Summus, 1978

NASCIMENTO, Patricia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em veja e manchete**. São Paulo, Annablume, 2002

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008

_____. **O que é ser jornalista?** Rio de Janeiro: Record, 2006

_____. **Sobre a imparcialidade do jornalista**. In <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?t=sobre-imparcialidade-do-jornalista&cod_Post=319321&a=111>. Postado em 26 de agosto de 2010, acesso em 23 de outubro de 2012.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O Livro Vermelho do Hip-Hop**. São Paulo: ECA/USP, 1997

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994

_____. **Vale a pena ser jornalista?** São Paulo: Moderna, 1986

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramento e metodologia de crítica de mídia**. Sergipe, 2007

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006

SILVA, Ednéia Fátima. **Atitude: Revista sobre o movimento Hip-Hop**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação Social – habilitação em jornalismo) – Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, Bauru, 2001

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo: Summus, 1985

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999

SOUZA, Gustavo. **Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop**. Animus: Revista interamericana de comunicação midiática/ Universidade Federal de Santa Maria, 2004.

STOPPA, Edmur Antonio. **“Tá ligado mano”: o hip-hop como lazer e busca da cidadania**. 143f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005

TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1999

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2001

_____. **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000

_____. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996

YOSHINAGA, Gilberto Kurita. **Resistência, arte e política: registro histórico do RAP o Brasil**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação Social – habilitação em jornalismo) – Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, Bauru, 2001

REVISTA CONTINUUM. Revista bimestral do Itaú Cultural, ed. Junho/julho de 2010 68p.

<<http://tvcultura.cmais.com.br/manoseminas/sobre-o-apresentador-3>>. Acesso em 23 de outubro de 2012.